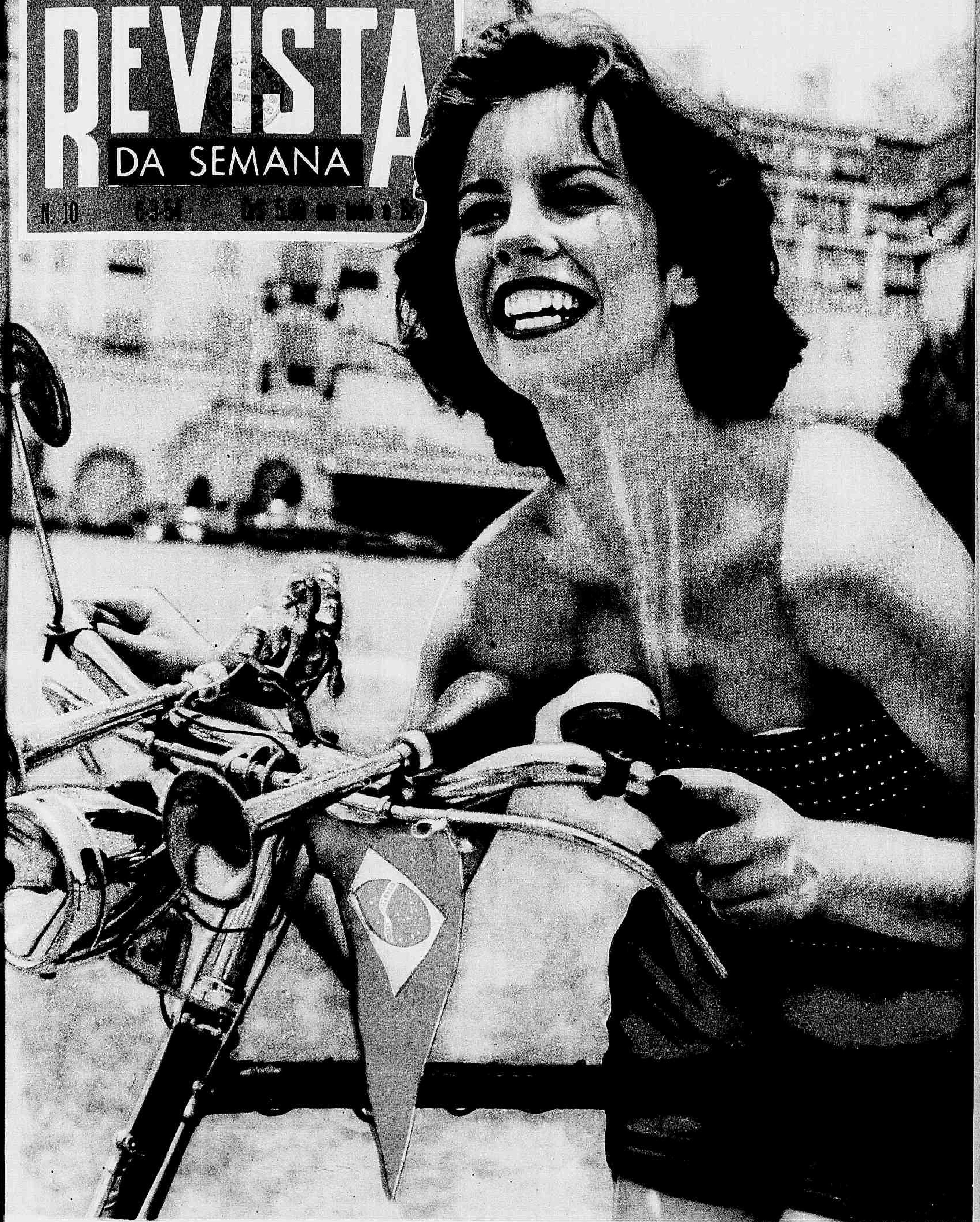
REVISTA DA SEMANA

N. 10 6-3-54 Cr$ 5,00 em todo o Br



ESTOUROU O CARNAVAL!

★ MEDICINA ★ MECÂNICA ★ AVIAÇÃO ★ ARQUITETURA ★ TESTES ★

ROMANCES ★ TEATRO ★ CINEMA ★ CURIOSIDADES ★ CONTOS ★ NOVIDADES ★

O MAIS COMPLETO E EXATO RETRATO do MUNDO



1953
num desfile sensacional e empolgante

★ AVENTURAS ★ EX-LIBRIS ★ QUEBRA-CABEÇAS ★ ESTATISTICAS ★

HISTÓRIA ★ LITERATURA ★ POLITICA ★ RELIGIÃO ★ CIÊNCIA ★ ASTROLOGIA ★

REVISTA DA SEMANA

ANO LI — Nº 10 — 6-3-54

SUMÁRIO

Eu quero é me rebolar........ 8/13
A estrêla (sem as jóias) apagou 14/18
O Baião entra na política...... 20/21
Carnaval dos homens sérios... 24/25
Carnaval sem Freud 28/33
O que você fará do diploma?.. 36/39
S.P. Futebol Clube, verdadeiro campeão 50/53
O baile das coristas 56/57

Um Carnaval 3
Noites em São Paulo 19
A voz que mandava 26
Conversa de mulher 40/41
Semana literária 44/45
O Brasil fora da barra....... 49
Semana em revista 54/55
Último flash 58

Capa:
ANA BEATRIZ
(Foto Jader Neves)

● Redator-Chefe: **Joel Silveira**
● Assistente: **Hélio Abreu**
● Paginação: **Victor Tapajós**
● Desenhos: **Alberto Lima**
● Publicidade: **J. M. Costa Júnior**

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933. — Propriedade da **CIA. EDITÔRA AMERICANA.**

● Diretor: **Gratuliano Brito**
● Assistente: **Renato de Alencar**

ENDEREÇOS E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8847 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES

Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO

Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Tel.: 34-1569
Publicidade: M. Gonçalves da Silva — Rua 15 de Novembro, 228, 5º andar, sala 517 — Tel.: 33-4811.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ... Cr$ 250,00
Seis meses .... Cr$ 125,00
Registrada — Um ano ...... Cr$ 280,00
Seis meses .... Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano ...... Cr$ 400,00
Seis meses .... Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 76 páginas.

um Carnaval

JOEL SILVEIRA



Desenho de FORTUNA

ESTE ano o carnaval vai ser nosso.

Ensaios e mais ensaios. A camisa encharcada, janelas fechadas para ninguém ver, e lá dentro um calor de fornalha — verão pegando fogo. O carbureto chiando, o vestido colado no corpo das mulheres. Chegava em casa como um morto.

Você assim morre, Juca.

Que morresse! Mas São Carlos teria que vencer.

Não venceu. Na véspera, Bichano, caixa surdo, se bandeara para Mangueira. Fôra um choque! Quase mata o traidor, gritava como um possesso: «Você é um sujo, Bichano! Um sujo!».

São Carlos não desceu. O carnaval gritando lá em baixo, a Praça 11 como uma floresta doida, e lá no morro as cuícas dormindo, caladas, e as moças chorando pelos cantos.

Ainda hoje êle tinha raiva quando pensava naquilo. Insistiam junto a êle: «Vamos descer assim mesmo, Juca. Anunciato vai para caixa». Não descia. Para quê? Para apanhar da Portela e voltar escabriado? Não contassem com êle, não havia carnaval. Ia para casa, fizessem o que bem entendessem. Não era homem de remendos.

● Três dias de tristeza pesada — tinha vontade de morrer, atirar-se da pedreira embaixo. Só pedia que chegasse a quarta-feira, queria logo sentir a cidade como uma coisa morta estirada no asfalto. Nunca mais voltara ao morro. Instavam: «Volta, Juca». Não voltara. Mas sentiu um despeito surdo quando, no outro carnaval, viu a Escola dançando na Praça 11. Rosália, tão bonita, levava o estandarte, todo bordado, de sêda azul e vermelha. O estandarte não era do seu tempo. Também não o eram os quépis de pala lustrosa, azuis, vermelhos, caprichados. Escondeu-se na multidão, ficou olhando de longe. Era a **sua** Escola. Ali tinha andado sua mão, seu esfôrço. Prestassem atenção à batida dos tamborins — como êle ensinara. O estandarte era novo — mas Rosália carregava-o como aprendera dêle, os mesmos requebros, até o mesmo sorriso. Teve vontade de passar por debaixo do cordão, misturar-se com a turma do bloco, dar o braço a Mano Chico e sair pulando, como se nada tivesse acontecido. Mas estava chumbado no chão. E as lágrimas começaram a sobrar nos olhos; e o coração se fechava como um punho cheio de raiva.





Joan Fontaine desembarca em Congonhas. Note-se a ausência de jornalistas e fotógrafos. Só com esfôrço e astúcia conseguimos esta chapa.

Fred Mac Murray é igualzinho ao que aparece na tela cinematográfica, só que muito maior ainda. Trata-se de um verdadeiro gigante.

Jeanette Mac Donald, ainda muito bem apessoada, traz pessoalmente o que apreciávamos nas telas dos cinemas, há algum tempo atrás.



Edward Robinson recebeu umas «sobras» da policia, no dia da chegada. Zangou-se, mas logo esqueceu tudo. E no dia seguinte estava de uisque em punho e bom humor engatilhado. Está sendo um sucesso, inclusive com as mulheres.

RHONDA E BARBA

não podem constar do Festival, oficialmente, por já terem sido premiadas ou exibidas, constituindo o que há de melhor no cinema contemporâneo; ao lado disto, temos o Festival Infantil, apresentado por Sonika Bô; o Festival Científico, de Jean Painlevé, conferências e reuniões sociais. Pelo que se vê, é impossível acompanhar tudo. Acresce que uma das coisas mais difíceis de se conseguir aqui é uma informação correta. A imprensa, principalmente, tem sido terrìvelmente desconsiderada. O valor de nossas credenciais parece depender exclusivamente do critério dos porteiros, pois se algumas vêzes são aceitas como válidas, de outras são terminantemente recusadas. E a repercussão disto é alto sonante na imprensa paulista. Os jornais atacam violentamente o Festival, apontando grandes erros e culpando seus organizadores.

OS AMERICANOS

Dentro do desinterêsse que artistas de segunda categoria despertavam, o interêsse popular pela vinda dos artistas norte-americanos agigantou-se. A publicidade do Festival prometia grandes nomes, por isto, apesar do temporal que desabou em S. Paulo na sexta-feira em que aqui aportava o «Special Hollywood», uma



A polícia não previu que tanta gente acorresse ao aeroporto, para saudar os astros recém-chegados. Por isso deu-se a confusão, com a entrada solene dos «casse-têtes» e dos cachações.



Irene Dunne também desembarcou em Congonhas. Ainda é muito bonita e de uma simpatia irradiante. Aqui a vemos num feliz flagrante.



Jeffrey Hunter é o maior bonitão do Festival. Embora lançado recentemente na tela, já conta, entre nós, com um número incrível de fãs.



Janet Gaynor, bastante envelhecida e já desconhecida do grande público. Porém, de uma simpatia extrema, em pouco ganhará novos fãs.

RA, LINDÍSSIMAS — PIDGEON E ROBINSON UNS AMIGÕES

multidão de fãs se comprimia no Aeroporto. Os jornalistas ficaram enjaulados num recinto bastante afastado, donde não se poderia trabalhar decentemente. E só após a ameaça de uma retirada em massa, foi conquistado um melhor local. O cordão de isolamento e alguns guardas da Polícia Marítima procuravam manter a ordem, mas quando o avião chegou e começou o desembarque, o povo invadiu o campo, em busca de se aproximar dos seus ídolos. Então, a polícia deu o seu grande «show» do festival. Os guardas, empunhando cacetetes, esbordoaram impiedosamente a massa. E, na confusão, Edward Robinson, o pobre ator que veio atender ao convite, no momento mesmo do desembarque, também apanhou da Polícia paulista.

Dali os atores (Rhonda Flemming, Ann Miller, Janet Gaynor, June Haver, Fred Mac Murray, Jane Powell, Edward G. Robinson, Joan Fontaine, Robert Cummings, Irene Dunne, Jeannette Mac Donald, Gene Raymond, Barbara Rush, Walter Pidgeon, Jeffrey Hunter) foram enviados para o hotel, diretamente, sem a oportunidade de nos dirigir uma única palavra.

Eric Johnston, chefe da delegação e enviado de Eisenhower, declarou, na ocasião, estar muito alegre por conhecer uma das maiores cidades da América do Sul e participar de um festival internacional de cinema. Disse também ser esta a maior delegação que já saiu de Hollywood, o que nos fêz lembrar que é aqui no Brasil que Hollywood tem seu melhor mercado, em detrimento mesmo da indústria nacional.

Foi publicada, no «Boletim do Festival», a notícia de que sábado a delegação norte-americana compareceria ao «Trocadero», onde atenderia à imprensa, numa entrevista coletiva. Mas só quem apareceu lá foram os jornalistas. Os norte-americanos não foram. Em vez disto, ficou marcada para a manhã de domingo, no mesmo local, a entrevista. Foi inútil. Mais uma vez transferida, sem qualquer informação segura a respeito da próxima data, continuou a imprensa sem ocasião de alcançar os «astros». Na véspera — sábado —, por ocasião da sessão noturna do Cinema Marrocos, mais uma vez os «astros» americanos ficaram separados dos jornalistas, que, situados no andar superior, tinham a passagem bloqueada por sofás que atravancavam a passagem. Do nosso balcão, tudo que pudemos constatar é que Fred Mac Murray tem o cabelo ralo no alto da cabeça. Mas estamos certos de que esta não é a informação exata que mais agradaria às suas fãs.

REAÇÃO

O «I Festival Internacional de Cinema», com sua grandeza e seu preço elevado, aliados à sua famosa desorganização que já sensibilizou muita gente, despertou, no meio profissional de S. Paulo, uma viva reação. Organizou-se um movimento de oposição, encabeçado por «astros» nacionais bastantes conhecidos, entre os quais Anselmo Duarte, que lançaram mão da TV Paulista, Canal 5, onde fazem programas, segundo sua própria expressão, «contra o festival». Mantêm o ponto de vista de que antes de uma festa tão dispendiosa, devia ser protegido o cinema nacional. Assim, iniciaram também uma campanha para angariar donativos populares, a fim de terminar um dos filmes da Vera-Cruz. E uma de suas queixas mais amargas é a dos vinte milhões gastos no Festival, dos quais dez milhões foram fornecidos pelo Govêrno do Estado de S. Paulo.

Sexta-feira apresentaram na televisão uma maratona que durou vinte e quatro horas, visando êstes dois pontos: angariar fundos para o filme e combater o festival perdulário. Nesta noite, a nota de maior interêsse foi o comparecimento do governador Lucas Garcez a êste programa da televisão, fato que bastante prestigia a campanha de oposição ao festival, e que põe em situação dúbia êste homem de Estado que apoia e prestigia dois movimentos opostos.



Jeffrey Hunter e senhora, a bela Barbara Rush, passam velozes por êstes caminhos escondidos, em direção ao automóvel que os espera.



Walter Pidgeon é, sem dúvida, um dos «astros» mais simpáticos que vieram representar Hollywood. Também não se esquiva de ninguém.



Robert Cummings e senhora, tendo já tôda a bagagem desembaraçada, dirigem-se para o carro que os levará para o hotel que os hospeda.

No baile dos ARTISTAS



Os dois leopardos fizeram furor no propalado Baile dos Artistas. Mas a da direita não é a conhecida cantora Linda Batista, conforme parece.



Miss Objetiva e a Rainha do Carnaval sambaram a noite inteira. A loura Rosângela foi muito requestada, e só deixou a festa no último minuto.

O impossível também acontece no carnaval...



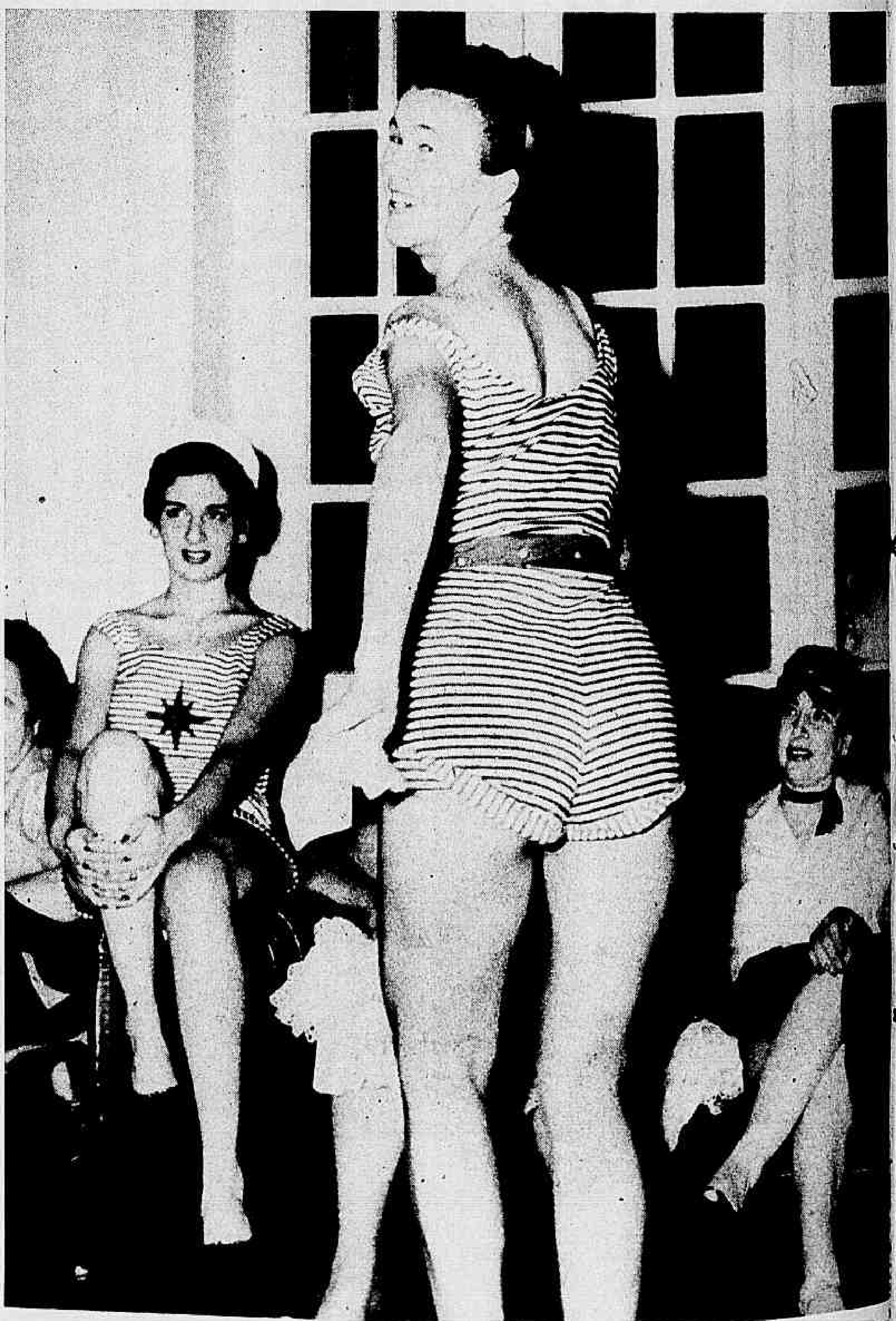


Imprevisíveis e, por vêzes, hilariantes são os desígnios dos fatos. A coisa aconteceu mesmo: o baile dos Artistas ia no auge, e a jovem, inquieta e bela, pulava e cantava no meio do salão. De repente, por culpa de um puxão mais forte partido ninguém sabe donde ou de quem, o fecho «eclair» descolou do frágil pano da fantasia, e a todos foi revelado o que a foto acima está exibindo aos leitores. Mas logo acorreram almas caridosas; providenciou-se com urgência uma agulha hábil; e já alguns minutos após a pequena catástrofe, a moça voltava a sambar e a cantar, como se nada tivesse acontecido. De resto, é dessas pequenas tragédias que também vive o Carnaval carioca.

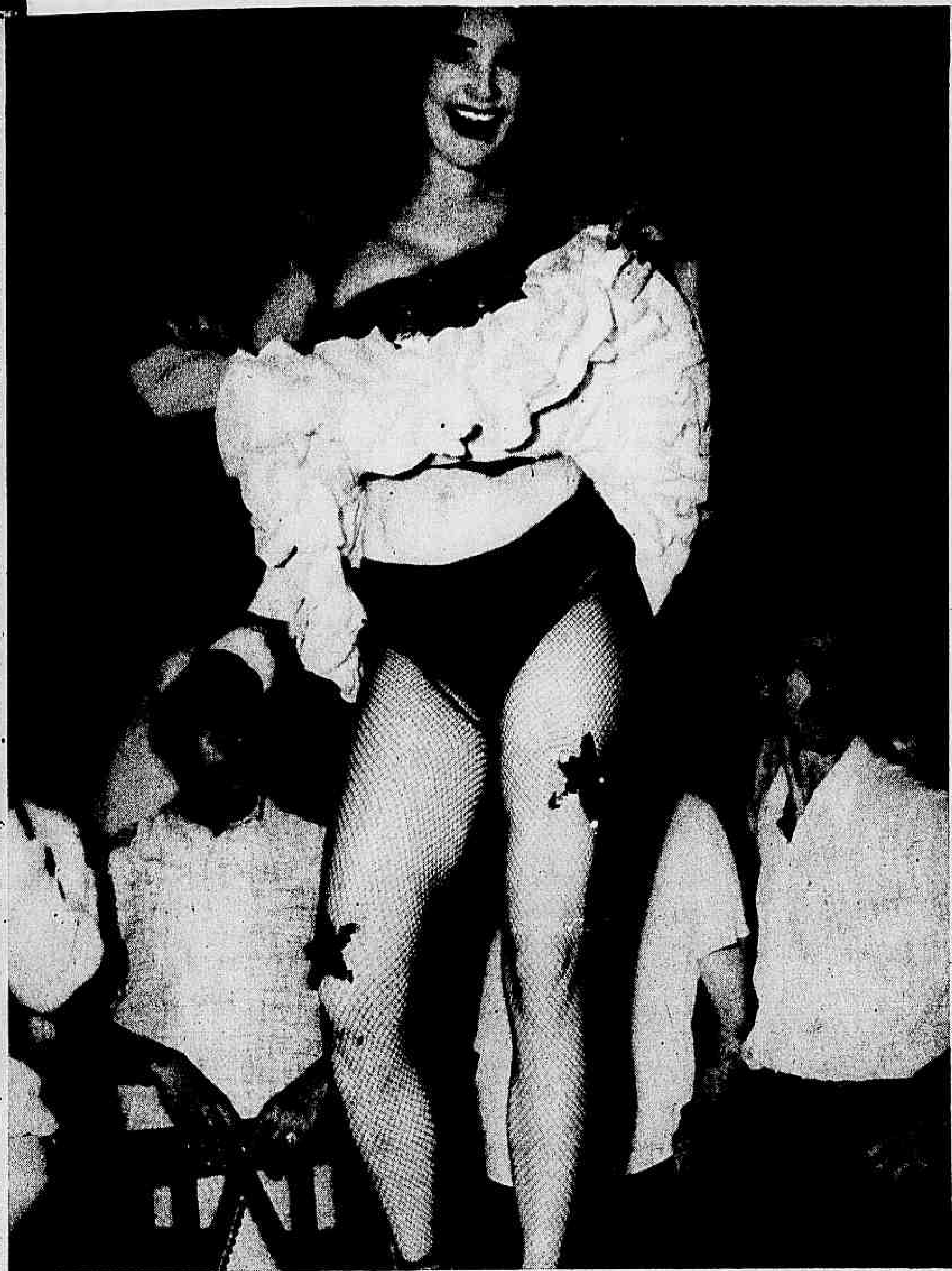


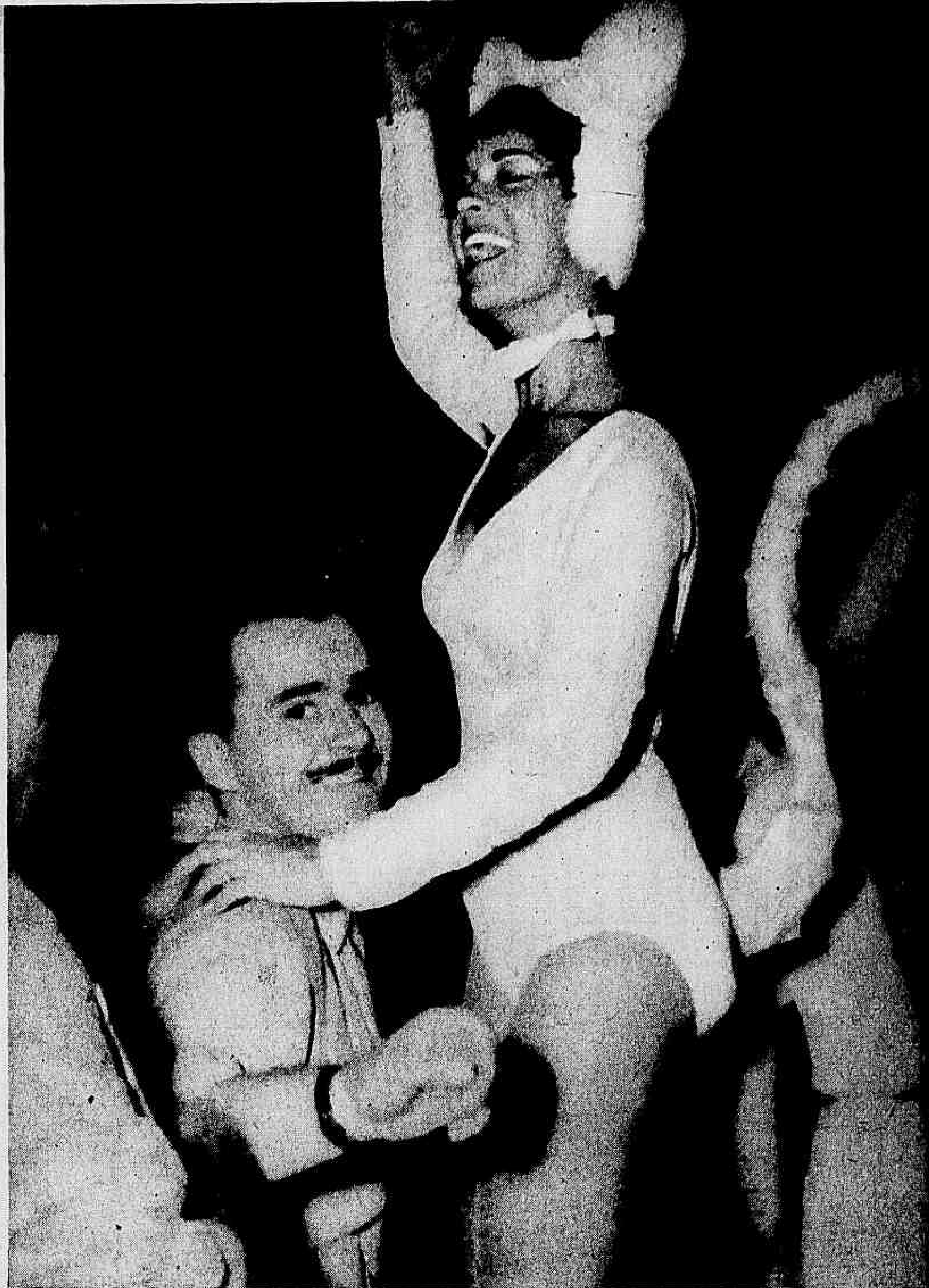
"Miss Objetiva" (Esther Tarcitano) e a "Rainha do Carnaval" (Rosângela Maldonado) aconchegam Momo I e Único.



FOI UMA ALEGRE E EXPLOSIVA NOITE DE PAZ









O BAILE DUROU A NOITE INTEIRA, MAS



Desesperada, faz apelos a Deus e à Polícia: «Por la Virgen de Guadalupe».

NINON, entre lágrimas: "O RATO MORA AQUI MESMO"

PRÊSA DE SUCESSIVAS CRISES NERVOSAS, A «RAINHA DA RUMBA» REPETIA SEM PARAR: «QUE DIOS Y LA VIRGEN DE GUADALUPE ESCUCHEN MI SÚPLICA» ★ A POLÍCIA APERTA O CÊRCO.



Após o vultoso roubo, a atriz mexicana se entregou a um abatimento completo e adoeceu.

Reportagem de MARITA LIMA

Fotos de NORBERTO ESTEVES

(Segunda de uma série)

A "ESTRÊLA" (sem as jóias) APAGOU

NINON Sevilla é uma das artistas de cinema mais conhecidas do grande público. Cubana de nascimento e mexicana por profissão, já estrelou filmes como «Aventura no Rio», «Perdida», «Vítimas do Pecado», «Sensualidade», «Não Nego Meu Passado» e «Mulheres Sacrificadas», que foram estrondosos sucessos de bilheteria. A moça é uma verdadeira mina de ouro para a indústria cinematográfica asteca. Seus filmes agradam aos homens, pôsto que é violenta «rumbera», e às mulheres, porque contam casos muito tristes de outras mulheres, de vida irregular, que finalmente, no tempo certinho da sessão, encontram o bom caminho, levadas por um amor verdadeiro que compreende e perdoa tudo.

Enfim, por esta ou por aquela razão, Ninon Sevilla se tornou, no «I Festival



Sòmente a polícia, o representante de um jornal paulista e a nossa reportagem conseguiram entrar no apartamento de Ninon Sevilla.



Relatando o fato à policia paulista. Procura fornecer pormenorizadamente todos os detalhes.

A "ESTRÊLA" (sem as jóias) APAGOU

Internacional de Cinema», a «vedette» número um. Foi a única artista reconhecida pelo povo e entusiàsticamente aclamada. Andava sempre afogada em fãs. Simpática e gentil, atendia o melhor que podia a todos. Destacou-se, para a imprensa, como sendo das pessoas mais acessíveis. E Ninon Sevilla brilhou a gôsto, em meio a esta constelação internacional. Atendia aos inúmeros convites que recebia. Muito alegre, não se fazia de rogada e animava as festas. Logo no segundo dia do Festival, recebeu nossa reportagem, em seu apartamento, e disse estar alegríssima por ter tido esta oportunidade de voltar ao Brasil, onde tem bons amigos. Mas estava um tanto apressada e ficou combinado que nos daria uma entrevista maior no dia seguinte.

POR LA VIRGEN DE GUADALUPE

Mas não houve tempo para esta segunda entrevista. No dia seguinte a notícia estourou como uma bomba, no «Festival de Cinema»: roubaram as jóias de Ninon Sevilla.

A atriz havia colocado sua fortuna na caixa-forte do hotel, pelo que teve de pagar duzentos cruzeiros de registro. Irritou-se com a cobrança e retirou as jóias vinte e quatro horas depois, para logo perdê-las totalmente, nas mãos de um larápio que acreditou no título de seu filme: «Leva-me em teus braços». Mais tarde, a atriz negou que tivesse sido êste seu motivo para retirar as jóias do cofre. Alegou que sendo obrigada a trocar de «toilette» a todo momento, deveria também trocar de jóias, o que era um incômodo tanto para ela quanto para a gerência do hotel. Assim, resolveu guardá-las na gaveta do toucador e carregar a chave consigo, por onde fôsse. Mas de uma destas vêzes, quando voltou, havia-se dado a catástrofe. Alguém penetrara em seu apartamento, sem forçar as portas, e com igual facilidade abrira a gavetinha do toucador, roubando-lhe as jóias.

Ninon Sevilla, que já não é uma pessoa muito discreta de gestos, chegou ao auge,



Cubana de nascimento e mexicana por profissão, também sabe alguns passos da dança brasileira.



O autor do audacioso roubo pode estar aqui nesta fotografia. A polícia também já se lembrou disso...

desesperando-se por completo, invocando a «Virgen de Guadalupe» e o delegado de polícia.

Imediatamente a notícia correu e os jornalistas acorreram, mas foram impedidos de entrar no apartamento da atriz ou de se comunicar com ela, com raríssimas exceções, entre as quais está a reportagem da REVISTA DA SEMANA, que assim pode apresentar, inclusive, material fotográfico capaz de documentar o desespêro da «estrêla».

Ninon, prêsa de sucessivas crises nervosas, repetia sem parar: «Que Dios y la Virgen de Guadalupe escuchen mi súplica».

AS JÓIAS

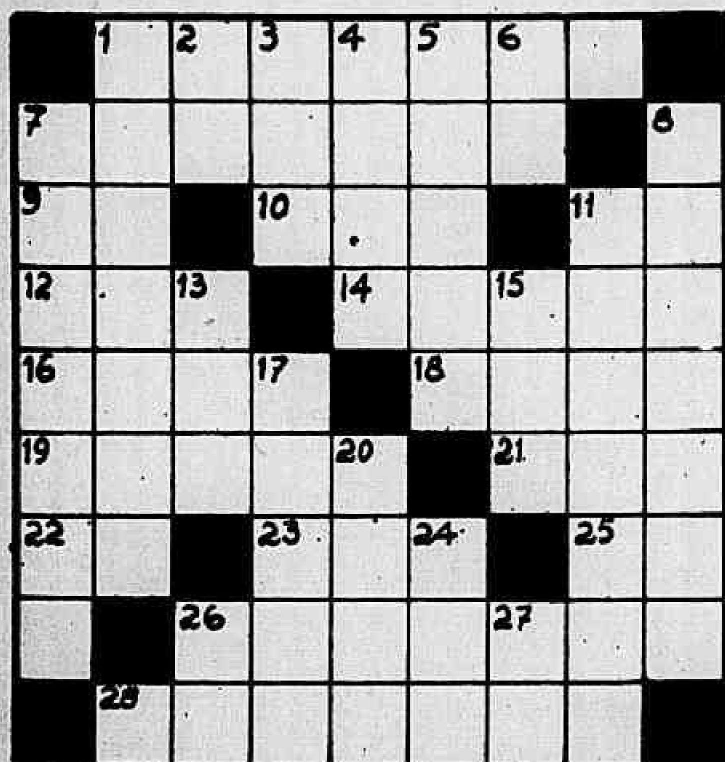
Não estavam no seguro, o que dificulta um pouco a avaliação real do roubo. As opiniões quanto ao vulto do prejuízo variam de um a oito milhões. Mas para a «rumbera» suas jóias não têm preço. São tôdas de estimação e estão ligadas a recordações de sua vida. Segundo diz, jamais poderá substituí-las. Por intermédio da queixa que apresentou na polícia, além de ficarmos sabendo que Ninon Sevilla tem apenas 22 anos de idade, pudemos obter a relação das jóias roubadas, dada de próprio punho, pela atriz: um anel e dois brincos, ornados com pérolas negras; um anel de ouro com duas ametistas; anel de ouro; dois anéis de brilhantes, pesando trinta gramas; um anel com três safiras; broche de safira; colar de pérolas legítimas; anel de esmeraldas rodeado de brilhantes; anel de platina com dois brilhantes; um broche, componente de um jôgo francês, feito em rubi, com o formato de vespa; um par de brincos e um anel com brilhantes e rubis; broche de ouro com o nome de Ninon Sevilla; um broche em formato de águia, com brilhantes; pulseira de ouro com moedas americanas; pulseira com moedas mexicanas; pulseira de ouro com brilhantes; relógio de ouro com esmeraldas; um anel pertencente ao mesmo jôgo; pulseira de ouro, com doze gomos, em cada um dos quais, figura uma das letras que compõem o nome da artista; pulseira de ouro, com elefante, também de ouro; pulseira de ouro simples; pulseira de ouro, com berloques; pulseira de ouro, com uma tartaruga do mesmo metal; pulseira com medalha da Virgem de Guadalupe; pulseira com medalhas de ouro; um «clips» para dinheiro, de ouro,



A saída do cinema Marrocos, o «Palácio do Cinema», a bela rumbeira Ninon concentra as atenções dos «fans» e dos caçadores de autógrafos.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA Nº 6



PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: 1. Escuma do açúcar — 5. Localizada — 9. Agrava com tributos — 11. Que tem maus sentimentos — 12. Símbolo do tungstênio — 13. Arrostar — 15. O mesmo que Dangbé — 16. Feminino plural de ão — 18. Cinzas — 19. 5º mês etíope — 20. Presumido, vaidoso — 23. Símbolo do gálio — 24. Decifra — 25. Ave grande — 29. Espécie de bandolim usado no Irã — 30. Camareira — 31. Licor embriagante do Otaíti — 33. Cidade do Egito mencionada no Antigo Testamento — 34. Vômito — 36. Personalidade — 37. Formiga de asas — 39. Sorte — 41. Antigo instrumento de cordas — 43. Cheiro agradável.

VERTICAIS: — 1. Vento sul — 2. Altercar — 3. Até — 4. Constelação austral — 5. Pertencer — 6. Ilha francesa — 7. Desgôsto — 8. Tornar-se jeitoso — 10. Costado — 11. Enxurro — 14. Criança, menino — 17. Pôr fim a — 19. Licença — 21. Imaginação ardente — 22. Filho de Trôo, rei de Tróia — 25. Maconha — 26. Carne salgada — 27. Potentado indiano — 28. Admoestação — 29. Convir — 32. Comediante — 34. Nome de mulher — 35. Futil — 38. Antigo «do» da escala musical — 40. Outra coisa.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: 1. Relativo à saliva — 7. Tornar a mirar. — 9. Rio da Sibéria — 10. Cloreto de sódio — 11. Perversa — 12. Que me pertence — 14. Impeles com o remo — 16. Ser, criatura — 18. Fiasco — 19. Italiano — 21. Ente — 22. Criminosa — 23. Cólera — 25. Dois romanos — 26. Assaltara — 28. Sobrecarregado.

VERTICAIS: — 1. Grão de cereal — 2. Prefixo que denota posição em derredor — 3. Lírio — 4. Irritar-se — 5. Ter valor — 6. Brisa — 7. Homem que vai em romaria — 8. Porção de casas — 11. Indivíduo que explora a erva-mate — 13. O mesmo que outa — 15. Contudo, todavia — 17. O escol, a nata da sociedade — 20. Rezar — 24. Mau cheiro — 26. Prefixo designativo de falta, privação — 27. Prefixo que denota proximidade.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 5

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — **ária — arma — amame — os — are — A. C. — roer — rato — América — aral — caro — va — áia — al — aduna — lago — orar.**

VERTICAIS: — **ator — ia — amarelado — americano — ré — arco — ar — soara — atara — ema — aca — aval — olor — Iu — Ag — ar.**

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — **pacovas — memorável — pa — Iansã — it — igo — raa — aga — Enio — Abel megalegoria — itãs — Dorn — Air — ato — Sit — Sc — meada — ce — obediente — amossai.**

VERTICAIS: — **pé — ami — coar — ornamentais — vasa — ava — se — magnético — ligeirice — piemias — talente — oigar — abros — oas — Aod — aedo — odes — Mem — Ana — ba — ti.**

A "ESTRÊLA" (sem as jóias) APAGOU



Por ocasião da primeira película mexicana exibida, Ninon Sevilla compareceu. Ainda usava sua pulseira, brinco e anéis, também roubados.

com a gravação do nome de sua dona; dois colares de ouro; corrente de ouro com a medalha da Virgem de Guadalupe rodeada de brilhantes; par de abotoaduras, com brilhantes; medalha de ouro com o Sagrado Coração de Jesus; par de brincos de ouro; relógio de ouro com brilhantes e outro relógio de ouro. Além disso, três cheques, em seu nome, para serem descontados no México, montando a 2.700 dólares.

ABATIMENTO

Na ocasião em que escrevemos esta reportagem, as diligências policiais não contam com pistas mais consistentes do que meras suspeitas. Ninon levantou a hipótese de que o ladrão habite o próprio «Hotel Jaraguá», um dos mais novos e melhores de S. Paulo e local onde se efetuou o roubo. Seus funcionários estão sendo submetidos a interrogatórios policiais, enquanto a mexicana, aflita, repete: «É um «rato» que mora aqui mesmo». A consternação foi geral, com a infelicidade da «rumbera», e ela própria, imensamente abatida, há mais de quarenta horas não quer comer e recusa dormir. Foi obrigada a guardar leito. A própria exibição de seu filme, no Festival, Ninon não compareceu. Declarou que se vê obrigada a se divorciar dos festejos e não aparece em público. Recebe inúmeros telefonemas, aos quais não atende. E assim acaba a história da «estrêla» que mais brilhou... por pouco tempo.



Reconhecida pelo público, Ninon Sevilla tinha logo que atender a uma enorme multidão de fãs, que solicitava àvidamente seus autógrafos.



Noites em S. Paulo

OS turistas invadiram S. Paulo, alterando alguns de seus costumes, o que para a maioria de sua população não está sendo muito agradável. Os seus quatrocentos anos de fundação não deixaram ainda de ser motivo de festa, e as comemorações continuam, embora já estejam pesando. Além disso, há o desencanto do povo, que sentimos sem que provoquemos a sua confissão, que vem do primeiro dia de festejos, nada tendo acontecido para ser visto nas ruas. Os turistas, porém, estão satisfeitos; não digo todos, mas aquêles que resolveram se divertir nas noites de São Paulo. No momento a capital paulista é o centro de maior vida noturna do país, com as suas «boites» improvisadas, funcionando nas sobrelojas, em casas que não perderam ainda a aparência residencial, para tôdas as classes e posses. Conheço algumas delas, onde já passei noites inteiras, o que me obriga aqui a uma confissão pessoal, qual seja a de estar condenado a ser notívago em S. Paulo.

● Por dezenas de vêzes já estive na terra paulista, e não sei por que fatalidade, sempre desembarco à tarde para retornar ao Rio no dia seguinte, às primeiras horas. Repetiu-se a sina em tôdas estas últimas oportunidades, neste período de festas do quatricentenário. Repito o mesmo itinerário, agora acrescido de dezenas de outros locais superlotados pelos turistas. Adoto, ali, um costume que no Rio jamais tive, e penso jamais adotarei. Aqui o território que piso é outro — e os itinerários me distanciam dos prazeres da boemia.

Desta vez fui ver a Bienal e entrevistar alguns políticos. Chuvia muito. Foi num sábado. Lá cheguei à noitinha e duas horas depois estava cumprida a tarefa. Programa para a manhã seguinte a visita à Bienal, mas a noite boêmia alongou-se demasiado e a cantora negra do «Itapoã» era uma verdadeira sedução. Seu nome já não me recordo, lembro-me, sim, do seu corpo, e de sua voz também. Infelizmente descobri o «Itapoã» por volta das três da manhã e a madrugada veio rápida, muito mais rápida do que devia. Irei novamente a S. Paulo, porém, por êstes dias. Para isso tenho um pretesto: visitar a Bienal, antes que a encerrem.

RAIMUNDO SOUZA DANTAS



HUMBERTO e ADHEMAR — Baião de dois.

O Baião Entra na Política

● Humberto Teixeira nasceu no Ceará, formou-se advogado no Rio, compõe desde os 6 anos e grava desde 1942. Em 45 descobre o baião juntamente com Luís Gonzaga: é o princípio. Gravou mais de 200 discos, vendeu mais de 3 milhões. Foi eleito o «melhor compositor do ano» (50, 51, 52). E' presidente do «Clube da Chave», solteiro, tem um carro esporte, um apartamento na Avenida Atlântica e uma casa em Mangaratiba. Tem sido visto freqüentemente com Margot Bittencourt. Em maio participará do Congresso de Direito Autoral, em Oslo. Visitará a Itália, França, Alemanha, Inglaterra, Suíça, etc. Pretende candidatar-se a deputado federal pelo Ceará. Mas ainda não decidiu por que partido.

Uma rápida partida de ping-pong em ritmo de baião ★ De um lado o repórter, do outro Humberto Teixeira; Margot Bittencourt não deixou a bola bater na rêde.

Texto de LUIZ SODRÉ

1) Você é mais Humberto do que Teixeira?

R. Sou 50% Humberto e 50% Teixeira. Juntando os dois sou 100%.

2) No Brasil a música é artigo de primeira necessidade?

R. Para mim, pelo menos, é de primeiríssima.

3) O baião não lhe deu tempo para pensar em casamento?

R. Tempo, não sei, porém «material» já me deu bastante.

4) Você leva seus romances muito a sério?

R. Eu nunca brinco em serviço.

5) E o atual?

R. Nós estamos jogando pingue-pongue, não é? Então, dê outro saque.

6) O que você acha do samba?

R. Uma das muitas coisas preciosas que nos legaram os nossos irmãos de côr.

7) E do baião?

R. A mais genuína expressão da nossa música popular.

8) Dorival Caymmi e Ari Barroso são seus inimigos?

R. Que absurdo. Ainda ontem o Ari me mostrou um baião que êle compôs para o Dorival gravar...

9) E o que você acha das músicas dêsses dois compositores?

R. Isto até me lembra os célebres confrontos de fôrça entre os «BIG-THREE». Mas, na realidade, eu tenho das músicas dêles dois o mesmo conceito que êles têm das minhas.

10) Tem ambições políticas?

R. A verdade é que, fora da música, eu sempre desejei fazer muitas coisas pelo meu povo. O diabo é que eu não sei se a recíproca é verdadeira...

11) Mas, no caso de você ser eleito deputado, o que faria?

R. Aguarde um pouco mais; ainda não terminei o meu Baião-Plataforma.

12) Um deputado pode fazer um baião?

R. Não sei. Antes gostaria de saber se o baião pode fazer um deputado.

13) E a televisão, vai ou não vai?

R. Nos Estados Unidos, já foi; em S. Paulo, está indo; e aqui no Rio, faz que vai, mas não vai; por falta de concorrência.

14) E a terceira dimensão, pega mesmo?

R. Os incautos, talvez. O bom cinema independe dela. Um «abacaxi» será «abacaxi» até no futuro cinema sensorial.

15) O samba é inimigo do baião?

R. Inimigo, não. O fato porém é que o samba anda meio estremecido com o baião desde 1945.

16) E antes?

R. Ainda não se tinha descoberto o baião.

17) Você gosta de marimba?

R. E' um cravo mal temperado.

18) E de flauta?

R. Muito unilateral.

19) Você acha Picasso um gênio?

R. Pelo menos na arte de ludibriar o «snobs».

20) Qual é a música popular brasileira do futuro?

R. Ora, meu amigo, tá na cara...

21) Mas porque o baião?

R. E porque não fazer esta pergunta aos milhões acencionais de compradores dos meus discos?

22) Em que conta você tem o nosso rádio?

R. Menino precoce e cheio de truques. Com um pouco mais de cultura atingirá muito breve a sua maioridade.

23) E' verdade que você costuma cochilar quando dirige o seu carro?

R. E' verdade. Em compensação não existe ninguém mais desperto num avião.

24) O que falta ao Rio para ser uma cidade maravilhosa?

R. Que os seus detratores dêem uma voltinha por outras plagas.

25) E o cinema nacional, que acha dêle?

R. Matusalém eternamente embrionário.

26) Você acredita no baião à primeira vista?

R. Lógico. Eu e muita gente boa. E' só escutar o jeitão dêle.

27) Você gosta de pescar?

R. Até hoje não entendi o pouco aprêço que se tem pela vida dos peixes. Para mim o esporte da pesca é tão bárbaro como se matar beija-flor.

28) Você se julga um sujeito importante?

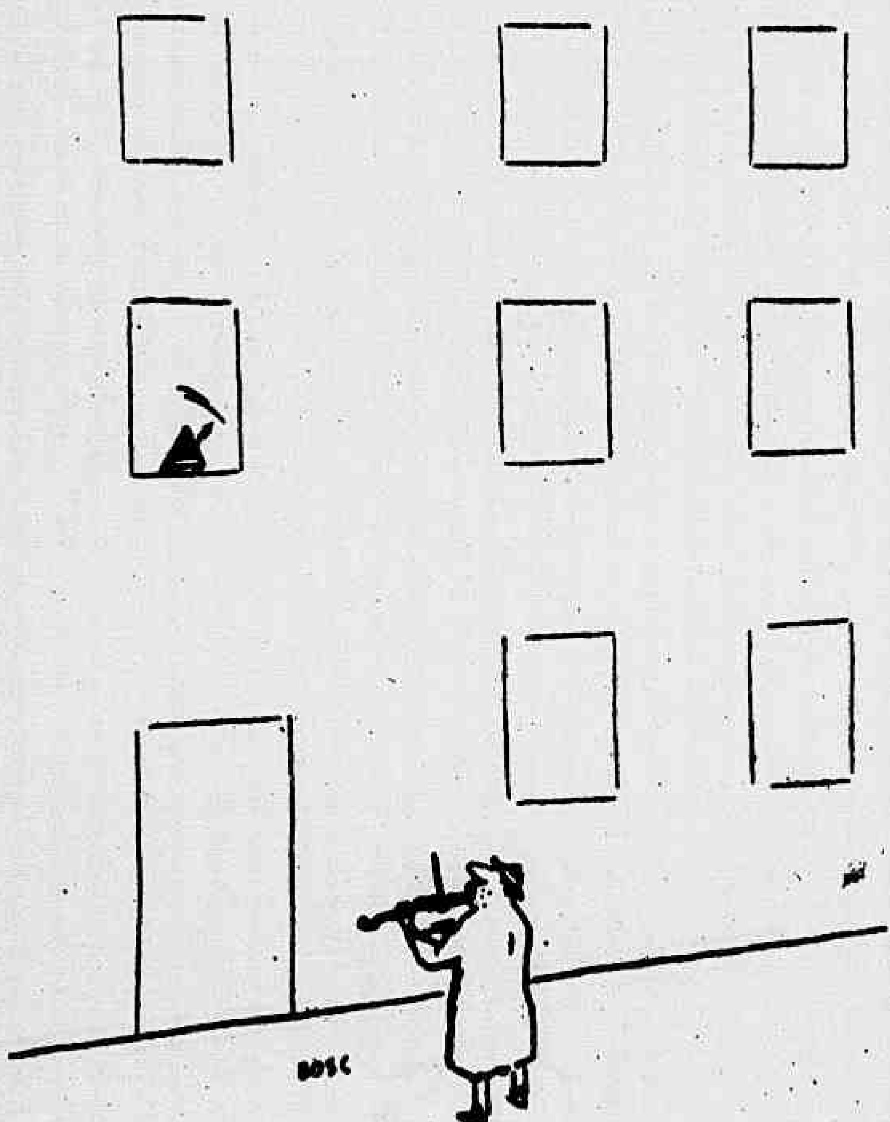
R. O suficiente para não superestimar a importância dos outros ou subestimar a humildade dos demais.



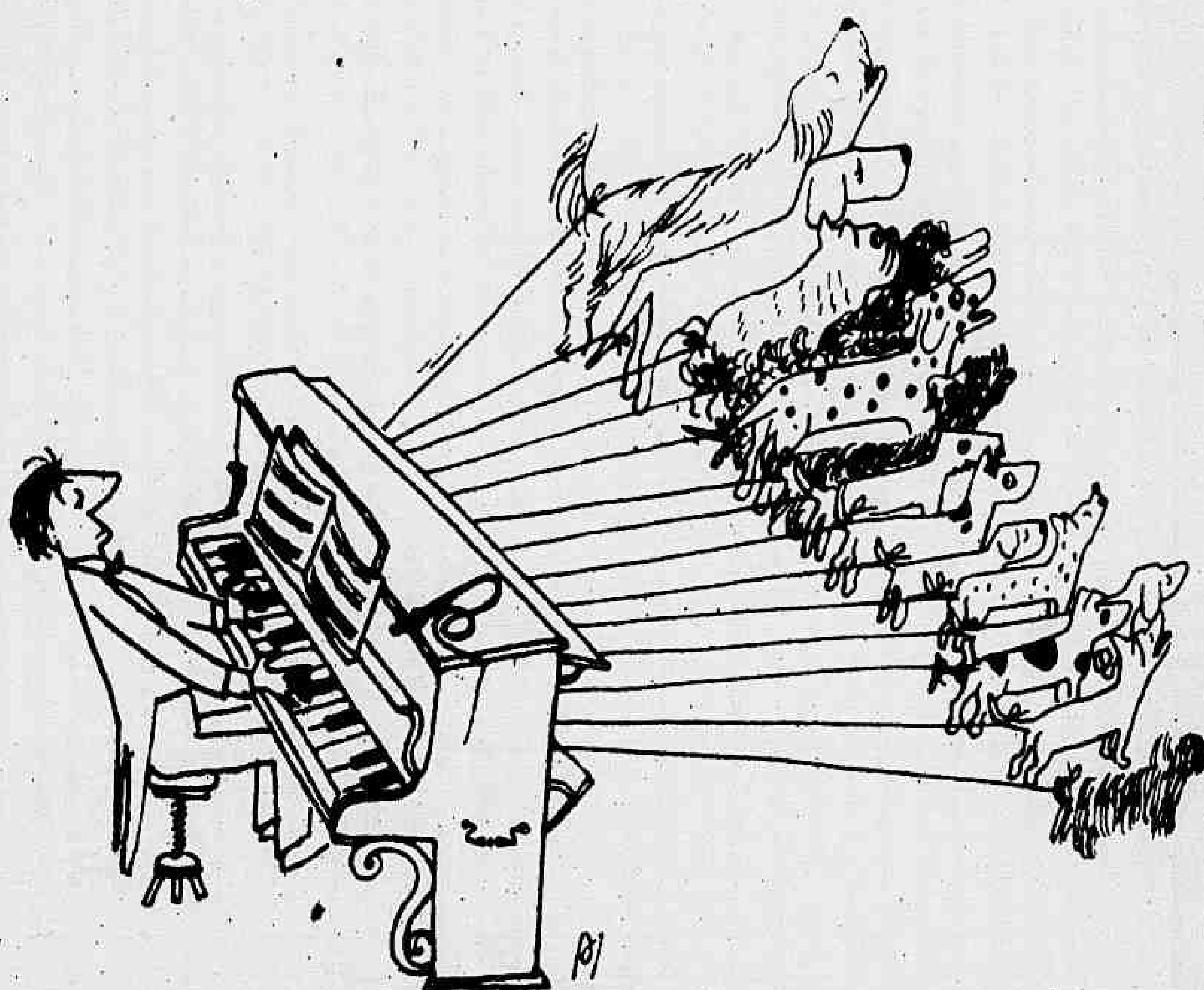
Dalva levou o baião a Londres. O compositor irá ainda êste ano.



Humberto também sabe fazer política indireta. Esta é Ester de Abreu.

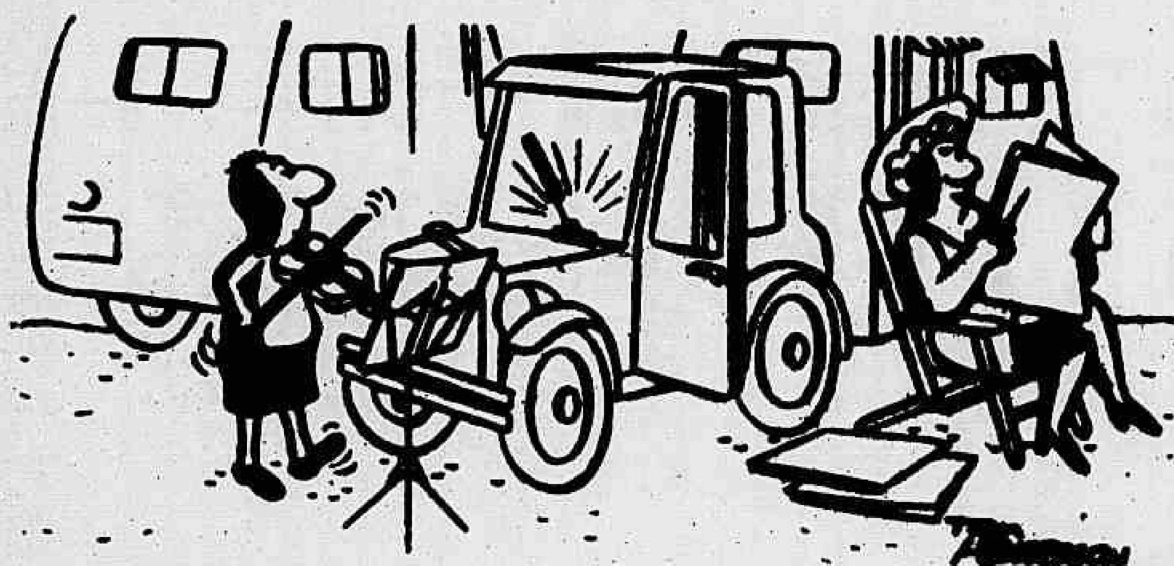


Sem legenda

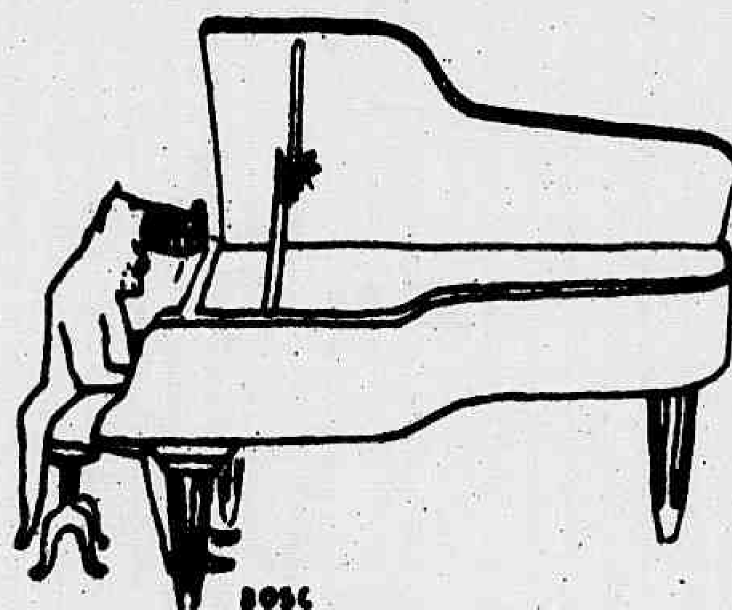


Piano de caudas

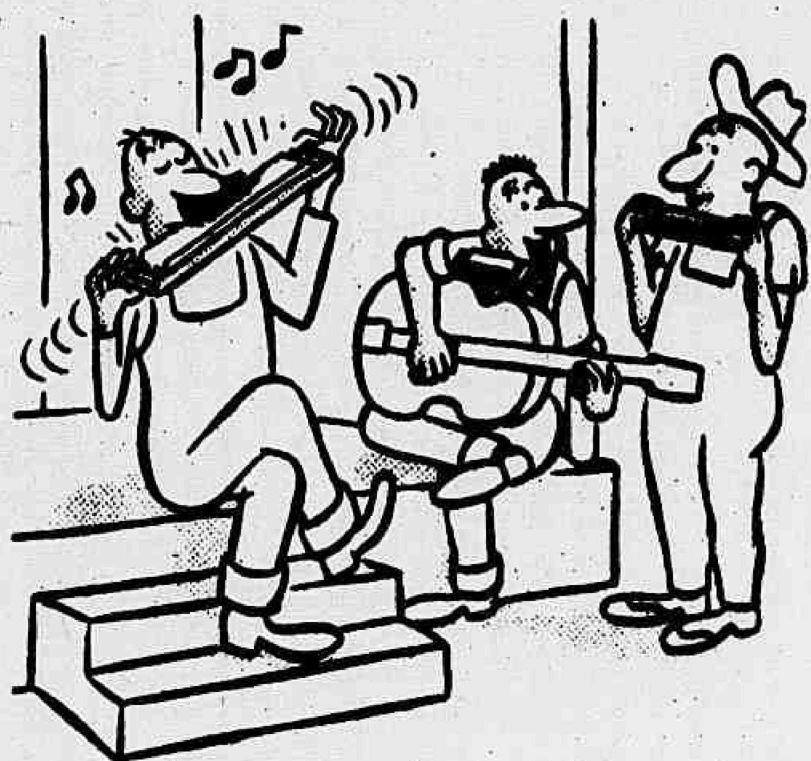
A música no RISO DOS OUTROS



Sem legenda



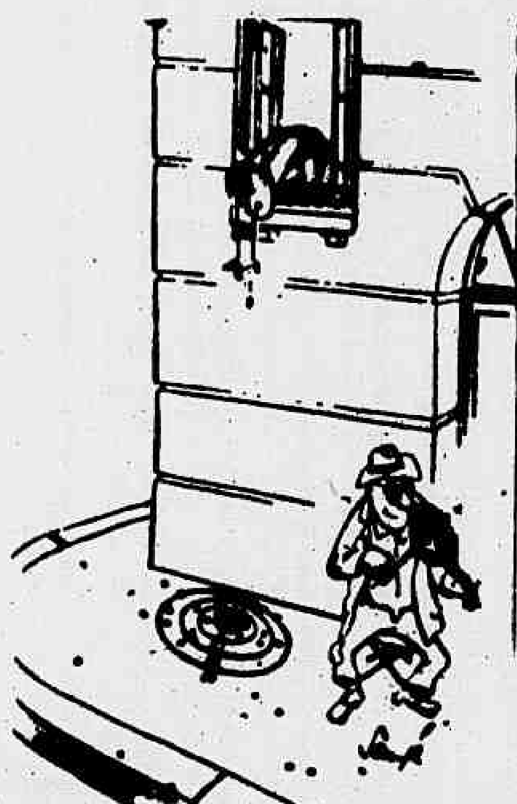
Sem legenda



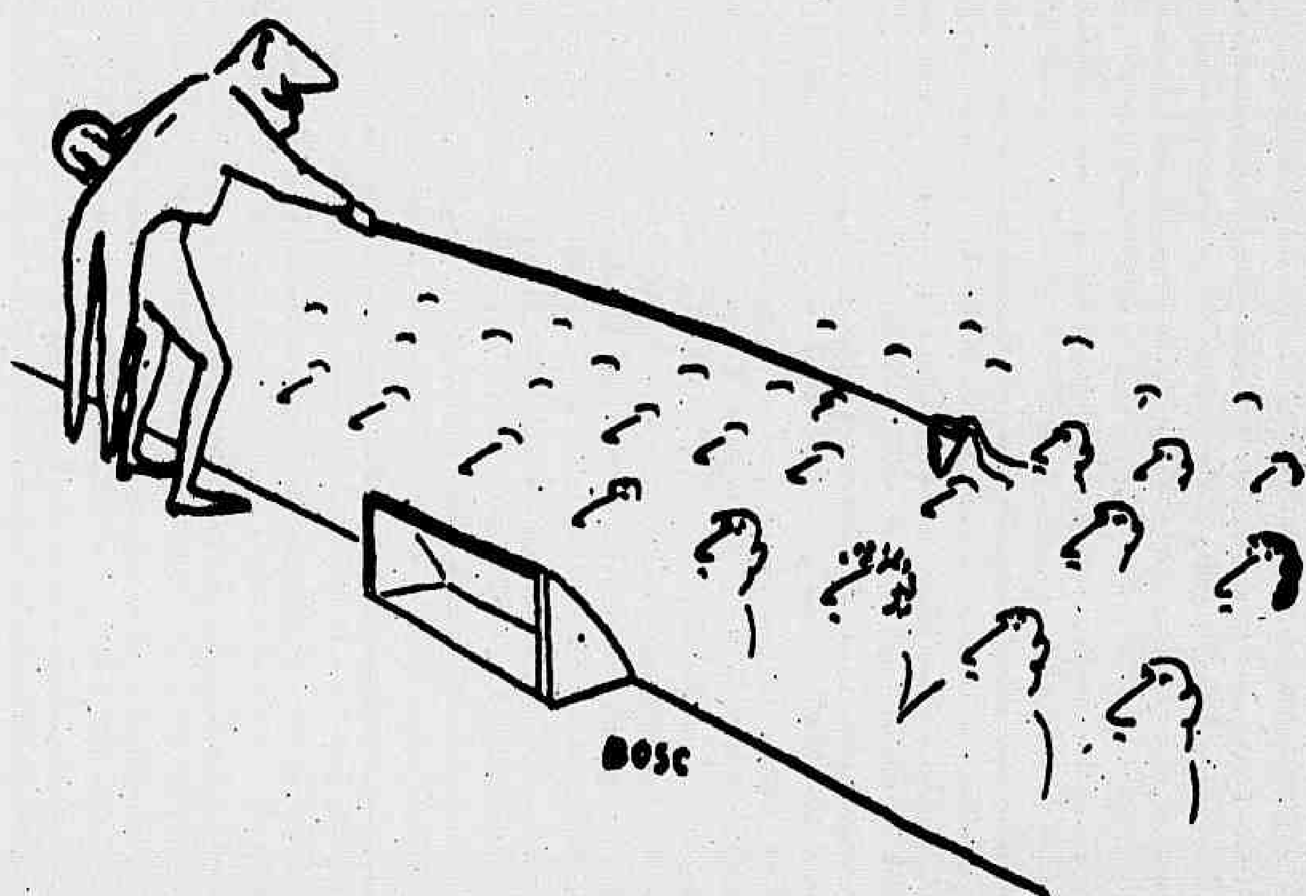
— Empreste-lhe a sua gaita que êle dá um bom polimento nela.



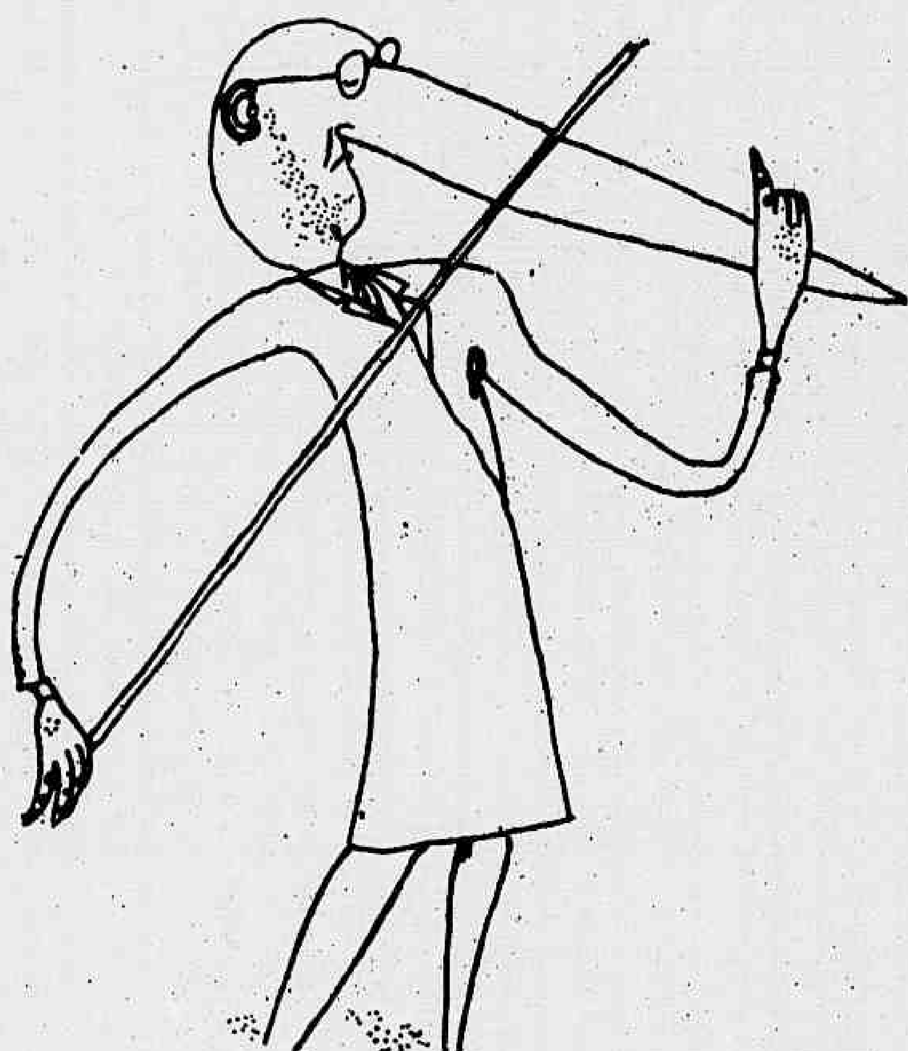
— Eu gostaria de saber porque aquêles comaradas com as lanças não tomam alguma providência.



Sem legenda



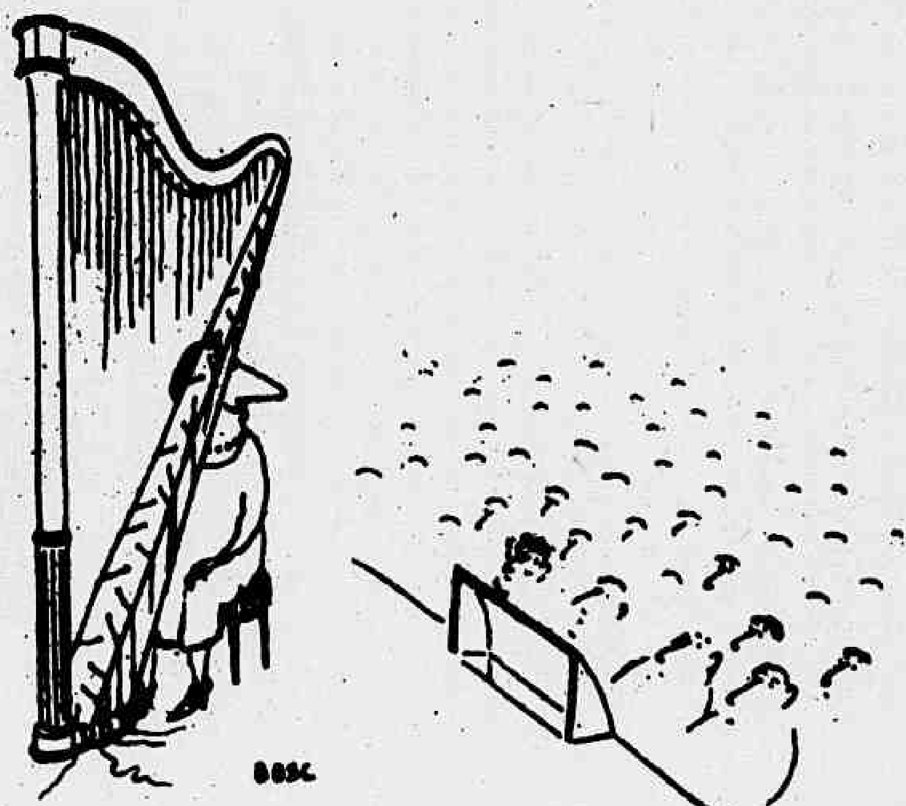
Sem legenda



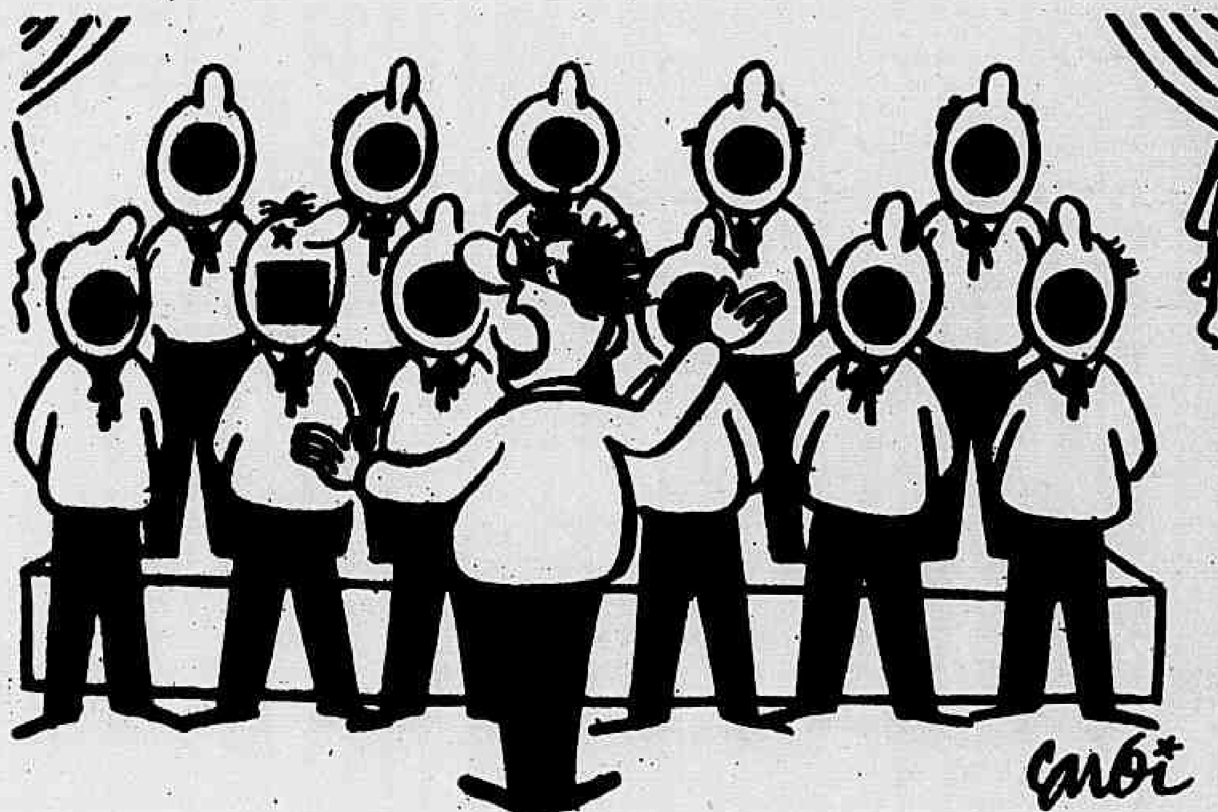
Sem legenda



Sem legenda



Sem legenda



— Porque não faz como os outros?

O carnaval dos homens sérios

Dutra passará os dias da folia na rua Redentor ★ O ex-presidente Bernardes estará pensando nos problemas do P.R. ★ Etchegoyen nunca foi de carnaval ★ A maioria dos sisudos ficará em casa.

Reportagem de D. RENAULT



CAPANEMA

— Operado recentemente de cálculo dos rins na Casa de Saúde São Miguel, o lider passará em casa os dias de Carnaval. Nos tempos de estudante em Pitangui e Belo Horizonte o deputado mineiro era um folião.

Deixa as águas rolar
As águas vão rolar!

A estas horas, quando o folião carioca es-Preta, cantando a melodia que diz: ritmo da marcha de Zé e Zilda, ou esquecido da Vida num cordão do Bola tiver se esbaldando no "High Life", ao

Bate bumbo
Bate bumbo
Até o bumbo arrebentar
Eu quero é me rebolar,

— nesta hora — os homens que ilustram esta reportagem estarão ausentes da folia. Entregues ao descanso ou ao trabalho? Alguns — como o deputado Nereu Ramos — foram para fora do Rio aproveitando os dias de festa para um repouso absoluto; outros — como o parlamentarista Raul Pilla — querem sair da cidade mas não podem; o juiz Aguiar Dias, está na Ilha do Governador, longe da barulheira da Avenida Rio Branco. Mas a maioria ficou mesmo em casa êstes dias da festa máxima do carioca.

Para êstes homens não existe a palavra Carnaval. O bamboleio do samba, a máscara de Colombina, o lança-perfume e o confete, não os atraem; nem o satânico Momo, com todos seus poderes, consegue abalar a seriedade dos homens sérios. O general de divisão Alcides Etchegoyen — Chefe de Polícia de quem muitos se lembram — continua no Rio por dever de ofício. Etchegoyen não quis revelar ao repórter, mas com certeza estará entregue ao trabalho, no Clube Militar, ou no Q.G. do Ministério da Guerra.

Durante o Carnaval apagam-se as lembranças amargas: o riso sôlto é um convite à folia e o olhar ardente é o enderêço da aventura. Para realizar êste sonho no ano o folião carioca espera 365 dias! A farra vale qualquer sacrifício: o dinheiro economizado; a canseira do corpo; a tristeza da quarta-feira de Cinzas. Mas que se rasgue a máscara de todos os dias. Até que os complexos saiam do consciente como fantasma afuguentados!... Para os homens sérios não há nada disso. Não acreditamos que algum entre êstes tenha mentido ao repórter, indo depois de máscara dar uma olhadela no Baile das Atrizes. Não. Êstes são mesmo sisudos. O folião tem Carnaval uma vez no ano. O Carnaval dos homens focalizados nesta reportagem se repete quotidianamente. Trezentas e sessenta e cinco vêzes por ano.



NEREU

— Não passarei o Carnaval no Rio. Mas não resolvi ainda onde passarei.



DUTRA

— Passarei o Carnaval na rua Redentor 317. — Pensando em política? — indagou o repórter. — Não — respondeu o ex-Presidente — apenas recolhido.

OROZIMBO NONATO

(Ministro do Supremo Tribunal): — O Carnaval nunca alterou a minha vida. Nunca tomei parte na festa popular. Êste ano pretendo sair para um lugar próximo e calmo. Se não conseguir, passarei em casa.

BERNARDES

— O Carnaval nunca me distraiu. Passarei o de 54 entregue aos problemas partidários, às preocupações e aos estudos. — Onde ficará durante o Carnaval? — Ficarei em Copacabana, onde me encontro por ser um lugar mais fresco.

AGUIAR DIAS

— O juiz intransigente e jurista respeitado já seguiu para a Ilha do Governador. Na ilha vizinha o autor «Da Responsabilidade Civil» passará os três dias dedicados a Momo.



P[illegible] LA

— Ficarei recolhido [illegible] m poderia ser de outra [illegible] porque não se p[illegible] [illegible] fôsse possível [illegible] quer parte.



SENADOR VIVACQUA

— Passarei o Carnaval no meu escritório. — Pensando na política? — perguntou o repórter. — Não. Pensando um pouco nos problemas do Brasil — respondeu o senador capichaba.



ETCHEGOYEN

— Começo que eu não sou homem de Carnaval — disse o ex-Chefe de Polícia ao repórter. — Mas por dever de ofício serei obrigado a passar o Carnaval no Rio.



MANUEL BANDEIRA

(Que tem publicado o livro de poesias chamado «Carnaval), respondeu ao repórter: — Passarei o Carnaval no Rio, mds não pretendo festejá-lo. Ficarei trabalhando.

A voz que mandava

ANTONIO MARIA

TINHA sido um tronco, no meio da estrada, e o carrinho inglês, frágil de nascença e gasto pelos maus tratos, enguiçara de vez. A pancada fôra na cara do radiador. O remédio era andar, procurar gente, que sugerisse, que desse jeito, que fizesse companhia, ao menos. Era uma noite das mais pretas e a chuva caía, sem pausas, há duas horas. O caminho tinha virado lama. Os dois, coitados, foram andando a procura de alguém que lhes pudesse ensinar um meio de sair daquela agonia, um acusando o outro de ter inventado a viagem. Ambos tinha frio e mêdo, nenhum dos dois tinha revólver. Cada barulho do vento, no mato, dava a impressão exata de que um grupo de cangaceiros ia sair do piquete para tirar-lhes o dinheiro e matá-los. Andaram horas, sem saber para onde estavam indo, escolhendo errado os caminhos bifurcados, entregues ao desânimo e ao acaso. Finalmente, deram com uma morada que devia ser de gente muito pobre, na beira de um córrego. Sem acreditar no socorro que pudessem dar ao automóvel, começaram a gritar por quem estivesse lá dentro, querendo nem que fôsse companhia. Chamaram, disseram que «era de paz», bateram na porta... e, lá dentro, parece que o mêdo era ainda maior. Ninguém ousou responder. Aquela zona da estrada, entre Minas e Bahia, já foi, em outros tempos, infestada de ladrões, que acreditavam nos bolsos dos fazendeiros e dos cavalerianos. Contavam-se histórias de mortes e atrocidades, de assaltos e emboscadas, cujos autores eram remanescentes dos bandos de Lampião e Corisco. De noite, por aquêles ermos caminhos, ninguém se arriscava a certas facilidades. Corria a história de uma velhinha que ouviu, altas horas, uma criança chamando: «abre, dindinha, eu tô com frio, abre!» Coitada, quando abriu, foi apunhalada vinte vêzes, em cima do coração e morreu sem poder chamar por Nossa Senhora da Penha, sua madrinha. Os ladrões souberam que ela guardava dinheiro num baú. em patacões antigos de 2$000. Não acharam nada e um dêles roído pelo remorso, entregou-se, meses depois, à polícia de Jequié, onde contou a história. Além disso as noites eram cheias de assombrações (mulas sem cabeça, bodes com cara de gente e o fantasma do padre sem braços, que diziam ser o próprio Satanaz).

● Continuaram andando e cada vez a chuva era mais forte. Pelas três horas da madrugada, chegaram a uma casa de fazenda, montada num alto de morro. Estavam mais mortos do que vivos, aniquilados pelo mêdo, que não os largava, há três horas. Queriam ver gente que fôsse de paz, tinham urgência de entendimento humano. Bateram, chamaram e vieram quatro homens saber de que se tratava. Quatro mulatos de rostos mais ou menos parecidos que, se não fôssem irmãos, deviam ser aparentados. Não se interessavam em ser especialmente simpáticos, mas também, não tinham caras de gente ruim. Ouviam a história que os dois viajantes contavam. Ouviam que o carro ficara imprestável e que era necessário continuar a viagem. De repente, lá dentro, veiu uma voz, apenas uma voz. Firme, bem timbrada, dessas vozes que só sabe mandar. Voz de quem é poderoso, de quem nunca perguntou, de quem nunca pediu, de quem jamais confessaria um êrro ou um pecado. Dizia: «mande João Pedro buscar a camionete e trazer o carro dos rapazes rebocado. Diga a Filomeno que vá também para fazer a direção do automóvel, durante o reboque». Em seguida ordenou, que dessem um quarto para os dois dormir e cachaça para evitar um defluxo. Os dois foram dormir e a fadiga era tanta, que se espicharam nas rêdes e só acordaram depois de meio dia. Os quatro mulatos que os receberam estavam na sala e avisaram que haviam conseguido um caminhão que, por 5 contos, faria o frete do automóvel e dos passageiros, até Salvador. Era uma excelente providência e foi aceita sem hesitações. Os dois, porém, gostariam de agradecer tão grande favor ao dono da casa, à voz que ouviram, na véspera. Souberam, então, que não era possível; que aquela voz era de um homem que, há 10 anos, não saía de um quarto escuro. Um novo arrepio de mêdo correu o corpo dos dois viajantes.

— Ele é doente... — disse um dos quatro mulatos, sem que os outros três percebessem. E a viagem continuou dali por diante, cheia de perguntas assim: que doença poderia ser? Que doença tão feia poderia haver? Como seria o rosto daquele homem? Que espécie de vida haveria, dentro de sua vida?

E até hoje se perguntam dessas coisas...

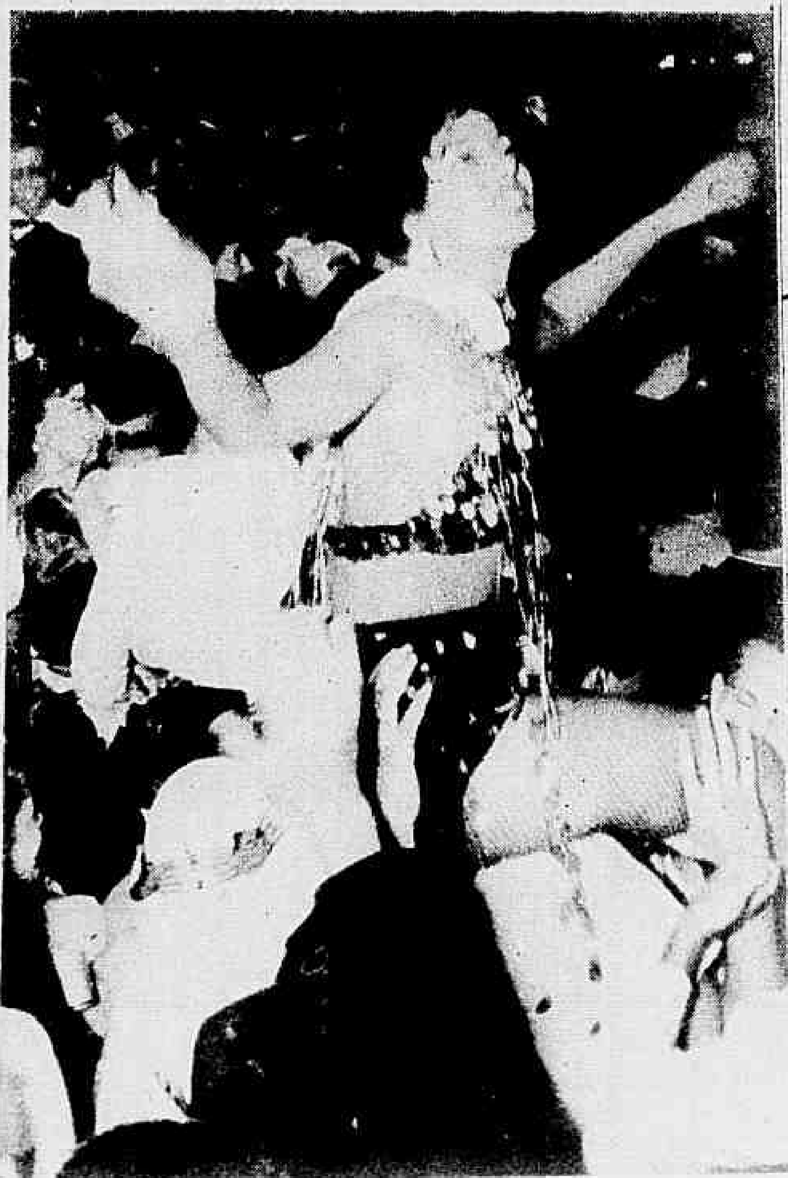
Desenho de DAREL



Legendas Freudianas Para Um

A HORA ZERO

● *Não existe noite, não existe dia. O ponteiro do relógio marcha sob a cadência do tique-taque da batucada. Começa a trabalhar à meia-noite de sábado e vai funcionando até cair exausto, na madrugada de quarta-feira de cinzas. Muito uísque, muita lança-perfume, muito berreiro, muito suor. E' uma doença, um frenesi. Uma loucura com data marcada. O carnaval é um dia só, com 72 horas de vida. Ou de morte.*





A FARSA

● *Quando um homem cobre o rosto, muita coisa pode acontecer. Porque êle cobriu a vergonha. Agora, sua fisionomia é dura, fria, imperturbável. E êle dá vasão aos seus verdadeiros sentimentos. Brinca, pula, dá vexame em plena rua. Ninguém sabe quem é. Nem porque está fazendo aquilo. E todo mundo justifica, acha graça. O homem passa, com seu rosto coberto, deixando um rastro de gargalhadas nas suas costas. E caminha, caminha sem parar. O tempo é todo dêle, êle é o dono da rua, o dono do trânsito, o dono do Carvanal. Pára, faz gracinhas com as crianças, mexe com as mocinhas, brinca com os homens. E se perde no meio da multidão. Uma vida limitada por convenções que êle consegue romper durante quatro dias. Com a máscara na face.*

Texto de LEON ELIACHAR
Desenhos de DAREL





naval

Sem Freud





O FRENESI

● *O álcool sobe à cabeça, a lança perfume domina o cérebro. E o homem se liberta de si mesmo, para viver nesse mundo utópico que é o Carnaval .. Rasgam-se os preconceitos, aniquilam-se as convenções, todo mundo iguala numa cordialidade de raças e de côres. Só uma voz domina: a voz da algazarra desenfreada e brutal. Música, alegria, batucada, bebida, sorrisos, lágrimas, tudo age em função do sexo.*

Carnaval sem Freud



O DEVER

● A escola de samba também desce. E traz a cadência da música nas cadeiras das baianas. Que carregam seus lamentos no canto choroso do verdadeiro samba. As cabrochas rebolam, ao som de trombones e apitos. Todos seguram a corda, dentro de uma disciplina única, arrastando a multidão que os acompanha. A passos lentos, vão andando; atravessando a cidade e a noite. Êles têm uma missão a cumprir: entregar ao povo o seu samba e o seu ritmo. Sem embalagem, sem artifícios e sem propaganda.



O ENTUSIASMO

● O malandro desce o morro e vêm pisar o asfalto da cidade. Sem sapato, sem tamanco, sem chinelo, êle traz apenas o ritmo nos pés. E a navalha. Bebe, grita, bate com fôrça no seu tamborim. Chora a mulata que o deixou, vive a própria letra dos sambas que canta. Com entusiasmo e sentimento. Até se acabar. Por que a vida começa no sábado e termina na quarta-feira.



A CHANCE

● Mas há o ritmo do frevo, que contagia o corpo, domina a alma, esquenta o tempo. E o sangue ferve nas veias, enquanto o corpo da morena se requebra, se mexe diante dos olhares. E' o espetáculo máximo do carnaval de rua. Porque ela entende que carnaval é ritmo, exclusivamente ritmo. E tem a sua oportunidade. A rua é um imenso palco onde ela exibe suas qualidades de dançarina. Com milhares de espectadores a aplaudi-la, e com apenas um refletor a iluminar a sua agilidade: o sol quente que lhe queima a pele.







O FIM

● *A última madrugada vem chegando. E o cansaço vem dominando os corpos. Muita coisa aconteceu nesse longo prazo. Multidões se comprimindo nos salões, gente pulando nas ruas, automóveis nem sempre chegando aos seus destinos. Entusiasmo louco vai ficando para trás, cheio de surprêsas, de decepções. Gente que viveu intensamente, e gente que encontrou a morte. No meio da alegria frenética, houve brigas e assassinatos, houve sorrisos e sangue. Porque o entusiasmo não pôde ser contido. E o sol rotineiro vem iluminar habitualmente as calçadas, repletas de gente exausta, cujq energia foi gasta em três dias intensos e vibrantes. A cidade retoma o seu aspecto sério, os garis varrem os vestígios do chão, nada mais resta senão uma saudade. Porque a vida continua.*

Algodão

Para o fim de semana na praia, vestido em estampado com folhagens e mogunelos. Completa-o um bolerinho em corduroy.

O algodão vem se impondo cada dia nestes últimos anos. Não se estranha mais quando aparece em criações elegantes para passeio, festa ou até mesmo em trajes de muita cerimônia. As mulheres reconheceram que têm nos tecidos de algodão um grande aliado para o realce da silhueta e... da juventude. Realmente, nada é tão jovem do que um vestido de algodão leve, estampado com desenhos vistosos, em côres modernas.

● Folheando-se as revistas de moda, francesas ou norte-americanas, ou assistindo-se aos desfiles dos costureiros de Paris ou Milão — como nos foi dado fazer recentemente — percebe-se a imensa versatilidade do algodão, para todos os momentos e tôdas as ocasiões. Os europeus preferem-no à sêda e só não substitui a lã porque o frio não o permite. Em algodão são os modelos que escolhemos para as leitoras da «Revista da Semana», que muito sensatamente têm nos escrito pedindo sugestões para vestidos «simples e chiques». — FLAMA.



DESTA vez foi utilizada a cetineta de algodão, vermelha com bolas estampadas em branco e rosa. O debrum e o cinto, em negro.



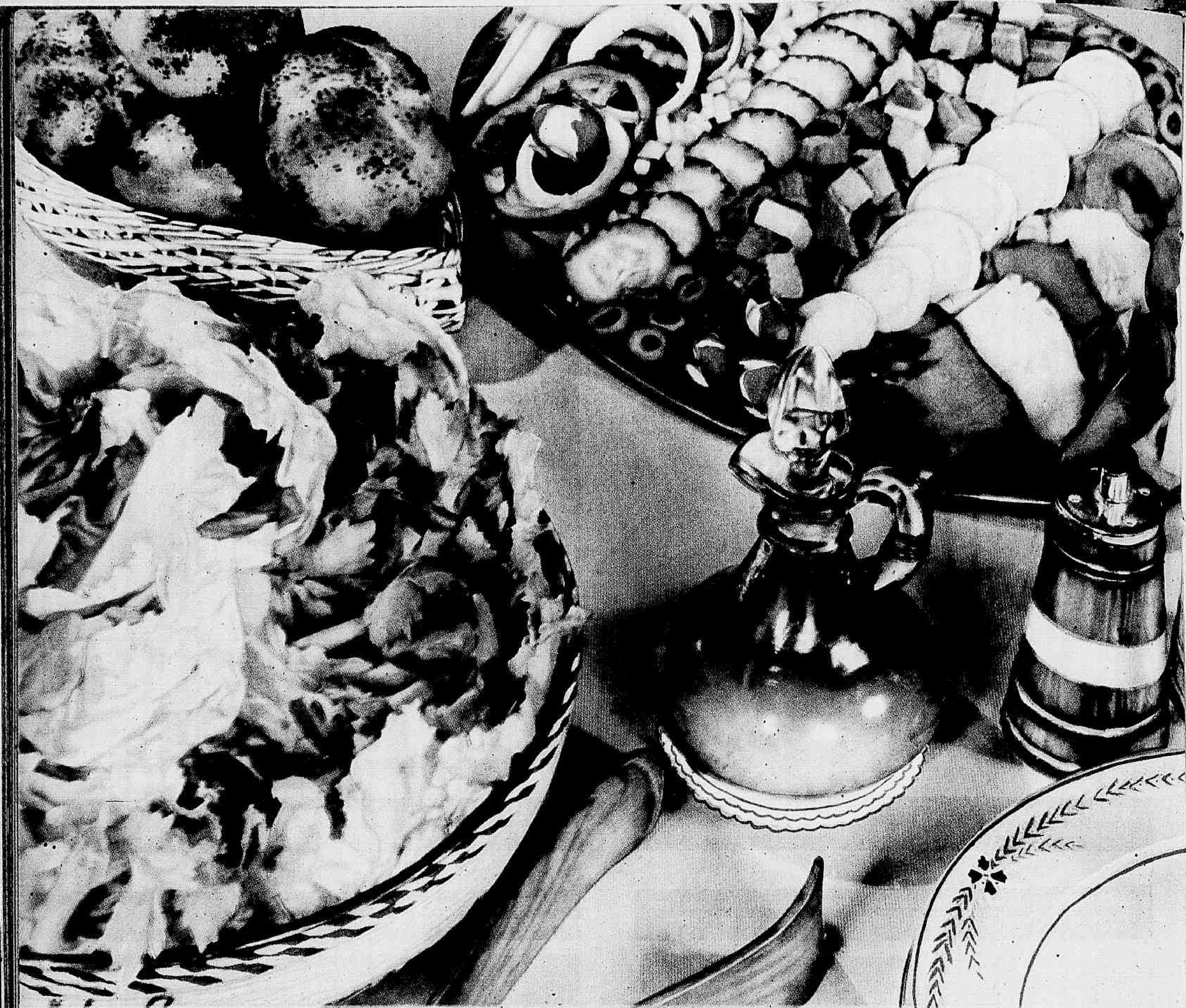
A BELEZA do modêlo está na escolha do tecido, originalíssimo, em prêto e azul, sôbre fundo branco, e na disposição das listras.

COMBINAÇÃO de tecidos diferentes: grossa cetineta bordada en branco para a saia, e blusa com estamparia miúda, na côr da saia



MODÊLO em piquê negro, de corte ajustado. Como complemento elegante, vistoso casaco sem mangas, em grosso tecido de algodão.





WEEK-END na Cozinha

ALGUMAS REGRAS FUNDAMENTAIS NO PREPARO DAS SALADAS — *Você não conseguirá nada que preste se não usar legumes frescos e bem secos.*

TIA DULCE

A palavra "salada" significa coisas diferentes para cada pessoa. O que, aliás, me agrada muito, pois, como já disseram certa vez, é a diferença de opiniões que torna possível as competições. Se, no entanto, a sua idéia sôbre saladas se reduz a uma gelatina de frutas ou algo feito com peras, queijo, creme, nozes e maionese, então o que vou dizer aqui não vai absolutamente interessá-la. Vou tratar apenas com as pessoas para as quais "salada" significa um conjunto de verduras. Eu nunca fui de torcer o nariz só por ter encontrado uma rodela de tomate numa salada de verduras pròpriamente ditas: existem, no entanto, certos puristas que nunca admitiriam tal coisa. Se o que você deseja é uma salada de tomates existem ótimas receitas que utilizam êsse alimento.

Certas regras fundamentais devem, no entanto, ser respeitadas. A primeira delas é que nenhuma salada pode ter sucesso a não ser que seus ingredientes sejam todos novos, frescos e bem sequinhos. Lave, portanto, as verduras, mas enxugue-as bem logo em seguida. Se você não tem um recipiente próprio para isso coloque as verduras num pano de pratos bem sêco, segure-o pelas pontas e sacuda até tôda a umidade passar para o pano. Só assim o tempêro poderá aderir a cada pedacinho de verdura, sem ficar amontoado no fundo da saladeira como se fôsse uma poça.

Se você quiser experimentar realmente esta diferença, prepare a seguinte "salada francesa", que é considerada clássica entre as saladas:

Esfregue a saladeira com um dente de alho pequeno e depois misture meia colher-de-chá de mostarda preparada com um pouco de sal, pimenta esmigalhada e uma pitadinha de açúcar. Adicione uma colher-de-sopa de vinagre e duas colheres-de-sopa de azeite para salada. Misture bem e junte, em seguida, uma colher-de-sopa de salsa picadinha. Jogue por cima das fôlhas de alface bem sequinhas (separadas, mas não picadas) e remexa bem, para que fiquem completamente recobertas pelo môlho.

● MUITA GENTE acha que essa salada nunca foi nem nunca poderá ser ultrapassada e, portanto, nem vale a pena continuar com o assunto. Isso, no entanto, é uma questão de opinião pessoal. Voltando ao assunto da **salada de tomate**, ela pode ser apreciada como verdadeira especialidade, quando preparada de acôrdo com certas regras. Principalmente se estamos no verão. Experimente, por exemplo, a seguinte receita:

Descasque e pique uns 4 ou 6 tomates bem grandes e maduros. Salpique-os com sal e pimenta e coloque-os numa travessa rasa. Prepare então o môlho, com cinco colheres de sopa de óleo para salada, duas colheres de sopa de vinagre, um quarto de xícara de salsa picadinha, um quarto de xícara de cebolinhas verdes picadas, um pouco de tomilho, e sal e pimenta a gôsto. Derrame por cima dos tomates e dê-me depois a sua opinião.



● SE VOCÊ gosta de pepinos — quem é que não gosta? — aqui está uma deceita básida de **salada de tomate com pepinos** que é muito simples, mas difícil de ser igualada. Basta arrumar no prato rodelas de tomates descascados alternadamente com cebolinhas de pepino, salsa picada e um pouquinho de cebola também picada. Regue com um môlho feito de três partes de azeite para salada e uma parte de vinagre com sal e pimenta a vontade.

● AQUI VAI outra variação sôbre o mesmo tema, **tomates com cebolas** — Pique um quilo de tomates e meio quilo de cebolas, o mais fininho que você puder. Forre o prato com uma camada de tomates, outra de cebolas e salpique por cima com salsa. Repita essas mesmas camadas até terminar todos os tomates e tôdas as cebolas e salpique no fim de tudo com cebolinha verde picada. Regue com môlho francês para salada e deixe durante uma hora na geladeira. Logo antes de servir enfeite com agrião e raminhos de salsa. Acompanha deliciosamente a carne fria, num almôço de verão.

● COMO VÊEM, muita coisa se pode fazer com tomates, além de simplesmente salpicá-los com sal. Com um pouco de experiência, você acabará até inventado pratos novos e variados aos quais poderá dar seu próprio nome, tornando-se assim famosa. Enquanto isso, voltemos ao assunto daqueles que não se importam de misturar verde com vermelho. Eu, por exemplo, sou uma dessas e aqui vai uma receita de **salada de alface com tomate** que está entre as melhores.



Lave bem as fôlhas de alface e enxugue-as depois, é claro. Verifique se tôda a umidade foi retirada, mas não deixe quebrar as fôlhas e coloque-as na saladeira. Salpique-as ligeiramente com môlho francês para salada e misture para espalhar bem o tempêro.

Acrescente então os tomates, depois de descascados e picados. Misture novamente a salada, mas com cuidado para não esmigalhar os tomates nem quebrar as fôlhas de alface. Sirva na mesma hora. Não deixe ficar parado para o môlho não assentar no fundo.

Um bom môlho para êsse tipo de salada pode ser feito com três partes de azeite para salada, uma parte de vinagre, uma pitadinha de mostarda e uma pitada de sal.

Filhos sadios

As crianças sadias acham prazer nas menores cousas. Elas próprias inventam e confeccionam, com alegria, muitos dos seus brinquedos, porque a sua bôa disposição física lhes permite ser activas, espertas e bem-humoradas.

É, de facto, uma verdade incontestavel que a inteligência, o espirito inventivo se desenvolvem mais livre e harmoniosamente num sadio organismo infantil.

Os médicos estão sempre ensinando e lembrando que a fraqueza, uma alimentação mal orientada, o funcionamento deficiente dos órgãos, as doenças, enfim, são causas frequentes de atraso no desenvolvimento físico e mental das crianças. Tôdas as pessôas esclarecidas sabem o quanto pode a infância influir — favorável ou desfavoravelmente — na vida adulta de cada ser humano. Uma meninice com saúde é património precioso, é indiscutivel factor de êxito. Os pais devem, portanto, empregar os maiores esforços para que seus filhos possam contar, no futuro, com essa apreciável reserva de energia.

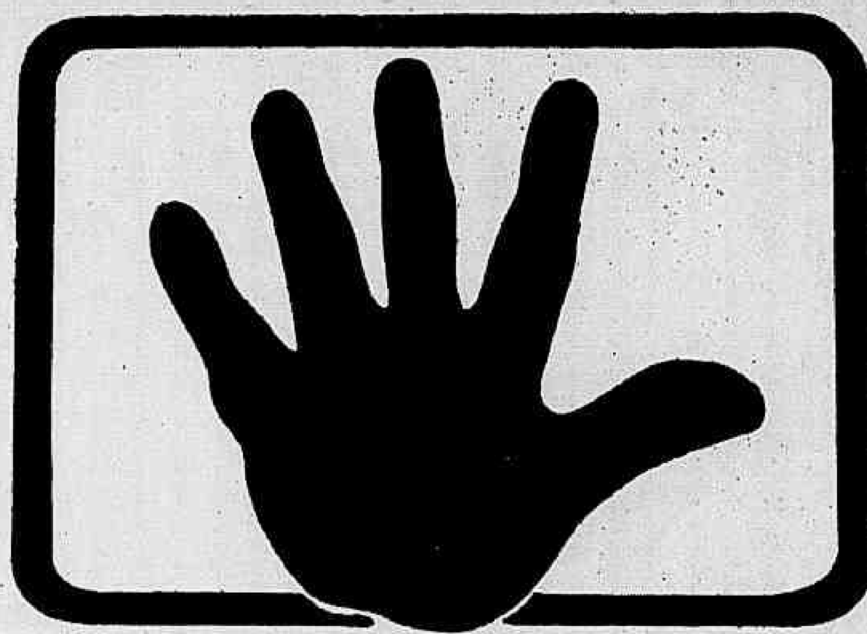
Sentir-se-á, decerto, muito mais feliz a criança inteligentemente cuidada, o petiz robusto que imagina jogos divertidos e constrói, com poucos meios, pequenos mecanismos engenhosos, do que o garoto doentio, vítima da inexperiência dos pais, o qual, mesmo rodeado de bonitos brinquedos, será, na maioria dos casos, desanimado e irritável.

Grande inimiga da saúde é a prisão de ventre, essa intoxicante atonia muscular dos intestinos, tão comum nas crianças e nos adultos, e da qual resultam perturbações gástricas, abatimento, falta de apetite, mau hálito, nervosismo, erupções na pele e outros distúrbios mais sérios.

Ventre-Livre é o remédio de confiança para tratar a prisão de ventre e os desarranjos gastro-intestinais. De acção suave e sabor agradável, Ventre-Livre é largamente usado pelas mães experientes e preferido pelas crianças, tanto no Brasil como nos demais países onde penetrou.

Não esquecer nunca:

Ventre-Livre não é purgante



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS E DEMAIS AFECÇÕES DO COURO CABELUDO



ARNOLD WALD

Arnold Wald — Brasileiro, nascido na Bélgica em 1932, estudou na Europa até vir para a Faculdade Nacional de Direito. Seduzido pelas indagações estéticas, decidiu-se depois pelo Direito, fazendo um curso excepcional. Obteve várias premiações em concursos, é membro do Instituto Brasileiro de Direito Comparado e Estudos Legislativos. Foi redator da «Época» por mais de dois anos. Obteve uma bôlsa da Unesco para participar da Semana dos Direitos do Homem em Havana. Tem apresentado vários trabalhos, 32 ao todo, conforme publicações, inclusive na Europa. Colabora em suplementos literários, tornou-se merecedor da medalha da Associon Henri Capitant pour la Culture Juridique Française e de uma bôlsa de estudo de 1 ano na França. Está de malas prontas para auferir êste prêmio.

1 — Dizia Aragon que nas horas de crise e desespêro a voz do poeta se tornava mais necessária. Parodiando o escritor francês, poderíamos afirmar que a função do advogado passa a ser indispensável nos momentos em que mais oprimido é o indivíduo. O jurista é o **defensor do homem**, segundo a palavra com a qual Augusto Frederico Schmidt definia Rui. Poucas vêzes na história da humanidade o homem necessitou tanto de defensores quanto nos dias presentes. No choque das violências e das paixões, quando se contrapõem místicas opostas, cabe ao advogado realizar a verdadeira revolução que só existirá se fôr uma revolução moral. Relembrando a palavra bíblica, diremos que não pela fôrça, nem pela violência, mas pela razão, pelo esfôrço contínuo e laborioso da inteligência cabe ao jurista resolver os problemas torturantes da nossa época.

2 — A nossa experiência na Faculdade nos leva a pensar que necessário é passar do monólogo ao diálogo, das aulas teóricas aos seminários, do sistema francês da aula-conferência ao sistema norte-americano do text-book e do trabalho comum de professôres e alunos, deixando êstes de terem um papel exclusivamente passivo.

3 — O direito deve atualmente resolver o grande problema que consiste em conciliar o dirigismo econômico com o liberalismo político, atendendo-se aos interêsses sociais sem olvidar todavia o respeito aos direitos individuais e à dignidade do homem. E' pois preciso harmonizar o conflito conciliando os fins do direito, estabelecendo um justo equilíbrio entre a ordem e a segurança, entre os interêsses do grupo social e o bem comum, entre a moral e a preservação dos direitos adquiridos. Bem disse Gurvitch que a democracia e as aspirações sociais não devem ser reconciliadas pois elas apenas representam a mesma coisa. Mas é o trabalho paciente do jurista que deve unir estas diversas fases da mesma idéia. E a nova geração dos advogados brasileiros não pode desprezar êste problema pois é a questão essencial por excelência do direito contemporâneo, e a êle não há como fugir. A questão há de ser resolvida pois, pelo estudo e pelo trabalho, pela compreensão da história, pela divulgação do direito.

ALMIR BASTOS

Almir Bastos — Bahia — Sempre trabalhou e estudou. Casado ainda no primeiro ano, agora com filho. Venceu sòzinho, seu diploma representa uma odisséia. Intensa vida política, foi bancário, demitido após a greve nacional dos bancários por ter participado integrando a comissão orientadora. Combativo, na escola tido como de esquerda e líder da oposição. Estudioso, aluno respeitador. Conduta íntegra, é acatado por todos, indistintamente.

1 — Contingências de tempo e espaço não nos permitem abordar convenientemente os múltiplos aspectos e os variados problemas contidos nas formulações em tela. Com relação ao primeiro tópico, parece-nos que o diploma, decorrência de 5 anos de estudos jurídicos, deverá ser transformado em instrumento que nos permita, através de honesta atividade nos limites profissionais, concorrer para o aceleramento da atual fase de transição e porfiar no sentido de que na sociedade futura cada um coma o pão com o suor de seu rosto, ame ao próximo como a si mesmo e reine a paz entre os homens de boa vontade.



2 — O critério que presidiu à resposta anterior, conseqüente de assentimento dado a princípios doutrinários, condiciona a conceituação do direito como um fenômeno de superestrutura; isto é, reflexo de uma série de causas entre as quais predominam as relações econômicas da sociedade. Tal pressuposto situa a maior ou menor eficiência do direito como realização social, na dependência do arranjo econômico e político dos agrupamentos humanos e nos convence de que a propalada revisão do elenco dogmático não deverá ser produto de uma luta contra o direito em si, mas a resultante de uma criadora reforma de base que nos enseje deslocar definitivamente da «propriedade privada para o trabalho o centro de gravidade do sistema jurídico».

3 — Como um inequívoco testemunho da inevitalidade da transformação social. Suas desigualdades sociais e políticas, os ecândalos, «inquéritos», câmbio negro, lucros extraordinários, suas eleições — maratona de milionários — negociatas e similares justificariam que, desgraçadamente, Nietzche identificasse a moralidade hodierna como simples refinamento da moralidade dos piratas. Acreditamos, entretanto, que estas condições objetivas condicionarão a frente única de quantos queiram pugnar por um estudo superior de organização social que não permita a reedição dos períodos cíclicos de extermínio, que assegure a paz, a liberdade o progresso, garanta a igualdade de ensejos, dique as veredas escuras do privilégio e reconheça a primazia do **trabalho** e da **cultura**.



MÁRCIO L. FILHO

Márcio Lourenço Filho — Dos mais sérios e compenetrados rapazes da turma. De real mérito, com sólida cultura; é assistente técnico da Comissão de Bem Estar e do Seminário Bem Estar Rural das Nações Unidas e membro da Comissão Nacional de Política Agrária. Sua vocação é inegàvelmente para os ramos do Direito Público.

1 — Acredito corresponder melhor à intenção da pergunta, transpondo os têrmos da questão e formulando o quesito da seguinte forma: **o que o diploma fará de v.?** E isso, por entender que o término de um curso de nível superior, pelo qual atingimos à maioridade intelectual, faz cessar uma fase de disponibilidade e atribui, ao titular do diploma, mais amplas responsabilidades como cidadão. Creio que todos nós, bacharéis de 1953 da F.N.D., temos bem claro no espírito o valor e o real significado do título que iremos receber. Mais do que um documento habilitante para o exercício de uma profissão liberal, o diploma de bacharel em direito está a apontar, a casa um de nós, os deveres que assumimos para conosco mesmos e o grupo social. Daqui por diante, seremos portadores de um mandato a cujo cumprimento não nos poderemos furtar. Assim, o diploma acresce, em cada um, os encargos que temos para com a comunidade.

2 — Estão ainda tão nítidos os aspectos positivos e negativos do curso, há pouco concluído, que qualquer julgamento estaria, por certo, eivado de suspeição... Penso, porém, não faltar à verdade, se afirmar que, de um modo geral, foi um bom aprendizado. Certo é que não poderíamos pretender que os cinco anos de estudos nos fornecessem um instrumental completo e acabado para dirimir todos os problemas específicos que ocorrem no exercício da profissão, pois, para tanto, tôda uma vida de estudos não bastaria. Por isso, aquilo que aprendemos, não representa senão um convite a mais profundos trabalhos da inteligência. Talvez haja faltado, em algumas das províncias do Direito que perlustramos, uma visão mais objetiva, uma proposição mais atual, dos assuntos, que, evitando a simples memorização de dogmas, conduzisse o iniciado no culto do Direito a atendê-lo como expressão disciplinadora da vida social. Mas, parece que já me adianto na resposta à pergunta seguinte.

3 — A política nacional, esta de que se tem notícia, de oposições «de fachada», descoloridas e débeis e de govêrnos «trabalhistas», sustentados por «tubarões», creio que está fora da realidade... Parece-me que falta, nessa gente, qualquer dose de idealismo, de um desejo honesto de resolver os nossos problemas. Entra-se na política — digo, no geral — por motivos pecuniários ou para satisfação de vaidades miúdas. E eu disse que está fora da realidade, porque o povo, evidentemente, não poderá ficar por tempo indeterminado, à espera de uma solução... Esta última terá que vir (é questão de sobrevivência!) e não sei se a política «dominante» poderá trazê-la...

O que você fará do diploma?

REINELDE CUNHA



CARLOS GUSMÃO

Carlos Gusmão — intensa vida política, idealista, é Comissário regional dos Lobinhos e chefe de uma tropa de escoteiros Católicos. Fêz um bom curso. Estagiário em Vara de Família, não se restringe, todavia, às meras atividades forenses, desenvolvendo verdadeira orientação social. Trabalha no Contencioso da Mesbla.

1 — O Diploma de Bacharel em Direito pressupõe o preparo para o exercício da advocacia. Habilitado pelo diploma será minha missão, ao lado do Juiz e do Ministério Público, concretizar a finalidade social das normas de Direito, em cada problema jurídico de que participe. Como exemplo, posso me referir às questões de Direito de Família; geralmente de grande repercussão moral, em que a atuação do advogado é um dos principais fatôres para maior tolerância e menor egoísmo das partes.

2 — No regime de estudo universitário é o próprio estudante o maior responsável pelos resultados de seu curso. E' bem verdade que a Universidade poderia incentivar a todos com um programa de Escola Ativa (professôres e alunos assíduos com horários inteiramente dedicados ao estudo). Em nossa Faculdade, com excessão do ensino gratuito, quase nada temos para favorecer o estudo, o que obriga os acadêmicos a completar, por seus próprios meios e sem qualquer orientação, os ensinamentos que lhes são ministrados.

3 — O momento político nacional permanece sem maior alteração desde a restauração do regime democrático. Sendo o prestígio pessoal muitas vêzes a causa de maior votação, os políticos agem sempre em função dêste fator. As incompreensíveis alianças entre candidatos radicalmente opostos são apenas resultantes da incerteza do próprio prestígio ou superestimação do prestígio do coligado. Os partidos podem acolher em seu seio os mais divergentes políticos pois não têm reivindicações ideais (às vêzes as têm nos Estatutos) a atingir.

Reinelde Cunha — Carioca, estudou no D. Pedro II. Inteligência aliada a uma invulgar capacidade de trabalho. E' nutricionista, taquígrafa em várias línguas e portadora de vários cursos de aperfeiçoamento; na Faculdade sempre participou ativamente das lutas universitárias, onde firmou conceito de espírito brilhante, combativo e de méritos excepcionais.

1 — Pretendo advogar e viver da profissão, no entanto não tenho ilusões, sei que de início terei de travar uma luta muito árdua até conseguir me conceituar e garantir alguma clientela para o meu escritório. Mas, não importa, tudo isto é natural e quase sempre acontece no início da carreira de quantos não tenham outro galardão que não seja o seu próprio valor pessoal e sua capacidade de trabalho. A despeito de tôdas as dificuldades que por certo encontrarei, todavia tenho esperanças no futuro e por conseguinte, só me resta trabalhar e aguardar.

2 — Quanto ao nosso curso, sofre êle dos mesmos males que a maioria dos outros disseminados pelo Brasil em fora — falta-lhes a aplicação prática de conhecimentos hauridos nos bancos escolares — pecam pelo excesso de teoria e um descaso imenso por tudo que digo respeito à prática. De um modo geral, não só o Curso Jurídico, mas todo o ensino no Brasil está a exigir uma reforma de base, com o fim de estabelecer uma maior correlação da prática com a teoria. Aliás nesse sentido, ùltimamente, vários estudiosos do assunto têm emitido seus pareceres e é provável que dentro em pouco já se cogite da reforma que a cada dia se torna mais premente.



3 — O Direito é uma projeção da realidade ambiente, é o espelho de uma sociedade e como tal padece de suas virtudes e dos seus defeitos. Tôdas as vêzes que o direito se divorcia da realidade é porque deixou de ser direito e tende a ser derrogado por um outro que mais de perto consulte os interêsses em jôgo.



HIGA NABUKATSU

Higa Nabukatsu veio de Mato Grosso para a Universidade do Brasil. Compenetrado de seu curso, venceu distâncias e obstáculos. E' o primeiro advogado oriundo da empreendedora colônia japonêsa de sua terra, Campo Grande, a capital econômica do Estado, onde vai enfrentar séria competição com profissionais acatados, mas lá o surto de possibilidades é surpreendente. Munido de seriedade e espírito progressista, vai perseguir seus ideais.

1 — Pretendo dêle me utilizar para advogar os legítimos interêsses, com dedicação e carinho, de todos quantos solicitem os meus serviços profissionais. Os meus sonhos, o meu ideal, as minhas ambições se resumem no seguinte: ser útil à sociedade.

2 — O curso jurídico ministrado na Faculdade, inegàvelmente, padece de numerosos males, que não são peculiares a ela, pois são defeitos de estrutura, do ensino em geral. Não vamos expor todos êles, em face da restrição de espaço imposta; à guisa de exemplo, citamos a pouca dedicação dos mestres de real valor, muitos dos quais, talvez pela irrisória compensação pecuniária propiciada pelo magistério, desviam suas atividades para outros campos, decorrendo dessa anomalia prejuízos ponderáveis ao aluno, que se vê privado de maiores conhecimentos, indispensáveis ao acervo do futuro bacharel.

3 — O Brasil progrediu incontestàvelmente no campo político. Basta-nos o simples confronto com o passado não remoto, quando cobertos estávamos pelo manto negro da ditadura. Restabelecido o regime democrático, vamos caminhando para o aperfeiçoamento gradativo de nossas instituições políticas, refletindo tal fato, decisivamente, na consecução dos anelos patrióticos de todos os brasileiros, quais sejam, os de ver o nosso país auto-suficiente em seus múltiplos aspectos, para constituir-se em símbolo de uma civilização livre e progressista.

MARTINHO CAMPOS

Martinho Campos — Natural de Minas Gerais, aluno lúcido e de penetrante acuidade de espírito. Elemento que estêve nestes cinco anos integrado na vida universitária, auxiliado por uma cultura humanitária e jurídica. A sobriedade e convicção sempre presidiram suas manifestações nas lides estudantis.

1 — Procurarei usá-lo norteado pela fidelidade aos meus princípios e ideais. Para o estado atual da nossa sociedade isso pode parecer estranho. Mas como não há nada estável no mundo é bem possível que dentro de alguns anos essa atitude possa até ser considerada normal...

2 — As deficiências do ensino do direito não são de hoje. Nasceram com a fundação dos cursos jurídicos, no Brasil do século passado. Hoje com a «crise moral e de inteligência» que atravessamos, o panorama não se podia ter modificado muito...

3 — O govêrno não tem uma orientação segura para a solução dos nosso problemas. A corrente mais forte de oposição nada significa. Fala muito em moralização mas está inteiramente afastada da realidade. E' preciso não esquecer que nossa época é de reformas sociais. As vozes dos que as preconizam estão abafadas ou amortecidas.

JÚLIO CÉSAR DO PRADO LEITE

Júlio César do Prado Leite — Cursou até o 2º ano na Faculdade de Direito de São Paulo. Sempre preocupado com problemas de cultura, mòrmente os de ordem político-especulativa, situa-se no campo da doutrina existencial e estuda as relações desta doutrina com a Política. Predileção acentuada para o Direito Público.

1 — A filosofia existencial não elide os valores axiológicos do Direito. Muito ao inverso de conduzir à cômoda posição do «quietismo», ela convida o homem a uma participação no meio social.

Reconhece, por outro tanto, que o livre-arbítrio de cada qual pode e necessàriamente deve sofrer as limitações contingentes a uma vida em comunidade. A angústia e o desespêro, que são o fulcro da doutrina existencial, devem ser entendidas sòmente naquela concepção apontada por CAMUS de que a vida humana se assemelha a um castigo sem sentido. Condenado a ignorar a sua origem e o seu destino, prêso ao contingente de ser, e, em conseqüência, impossibilitado de fé em uma vida sôbre a vida, o homem que tem, latente, «fome de eternidade», como entrevista Leautremont, neste conflito se desespera e se angustia. Mas êle é dono no entanto de uma admirável certeza: êle vive. E cumpre viver sòzinho. Inteiramente responsável. «O homem é o que quer ser» como diz Sartre, ou na linguagem Heiddegeriana «êle» suporta o mundo em seus ombros».

Assim como o homem, pleno de arbítrio, «faz» seu itinerário na vida, sob nenhum impulso, a não ser a satisfação de todos, deve organizar a sociedade.

2 — O bem e o mal é o resultado da experiência coletiva. E' óbvio, que o mundo existencial· não prescinde da ordenação do Direito, e da Moral. Mas a sua função normativa forçosamente deve ser condicionada ao binômio: ser e existência do ser. E' a Moral-ordem e o humanismo do Direito.

O Existencialismo não se acomoda à noção de decadência. Antes, é uma procura de formas novas.

Parte, como filosofia, por certo, de nosso sentimento de náusea pela gratuidade da existência, mas, paradoxalmente, como filosofia vivencial, os desperta desta sensação de confinamento, e nos impele à procura da realização e da felicidade na terra. Felicidade e realização que não têm sentido, num regime político de premeditada desigualdade econômica.



3 — Nenhum ramo de atividade, exceto a política, dá mais possibilidade à aproximação do homem, que o Direito. Neste mister, amiúde, repontam os dramas mais vivos das relações humanas. Desnudam-se interêsses ocultos, impresumíveis. Revelam-se paixões refreadas. Estabelece-se, por fim, ilimitado campo de observação ao que busca o conhecimento de nossa natureza.

E, se o trato do Direito Privado é fonte de experiência, o Direito Público, infra-estrutura jurídica, empolga sobremodo, porque condiciona o domínio jurídico privatístico.

A todo homem é dado eleger um auto-fim. E, como considero, que a justiça, se já não fôra uma imposição da cultura humana, seria, ao menos, uma questão de sensibilidade, sinto-me, portador de um diploma de Direito, ciente de que optei pelo melhor caminho.

E êste diploma, será para mim, o meu contrato de prestação de vida.



JARBAS MEDEIROS

Jarbas Medeiros — Temperamento inquieto, oscilando entre a divagação e o ideal, mas com acentuada tendência à realização e atividade prática. Aos doze anos escreveu um romance de aventuras e contos; aos quinze, começou a pintar, interessado no modernismo. Aos dezenove, tendo participado de uma excursão política a Minas, abandonou suas tentativas de Arte e dedicou-se à política, onde está atualmente. Percebe-se, no entretanto, que mais tarde ou cedo retornará à Arte. Ouve música (Bach e Chopin), o que considera indispensável à saúde mental. Acredita no povo.

1 — O diploma para mim é um meio. Através dêle, talvez eu venha a concretizar, em um futuro... mas não, já não se trata de futuro! Então... talvez eu concretize, agora, alguns sonhos que, posso dizer, nasceram comigo e comigo cresceram, à sombra dessa figura cheia de energia e suavidade, que é meu pai. Você me pede para falar dêstes sonhos... Admito que possam ser excessivos para mim, da inteligência apenas mediana, mas lhe confesso que não quero demitir dêles... Além do mais, êsse indeterminado, êsse desconhecido e imprevisto que os dias vindouros representam, me fascinam sobremaneira.

2 — Quanto à segunda pergunta, devo dizer que só compreendo o Direito como realização social. Quando êle deixa de cumprir essa função, a de, incidindo sôbre o social, cristalizar e impor as tendências evolutivas, falhando, pois, a seu próprio fim, negando-se, torna-se profundamente injusto e contrário à moral, devendo sofrer uma reforma de base.

MARC THEOPHILE JACOB

Marc Theophile Jacob — Do Piauí, interessado em problemas atuais, estudioso, fundador do seminário e de jornal universitário, membro da comissão que elaborou o estatuto do Centro Acadêmico Cândido de Oliveira, afirmando uma efetiva participação na vida da escola. Estudioso, fêz um curso sério. Tem proferido palestras e apresentado bons trabalhos. Advogado com 22 anos (idade mínima).

1 — Perguntam-me: que farei do meu diploma; o quesito pode ter dois significados: um, material (será emoldurado e pendurado numa parede, talvez), outro figurado, qual a aplicação que darei a êle. Julgo haver realizado um Curso Superior condizente com a minha vocação. Durante todo o curso não fiz outra coisa senão praticar «escaramuças» da profissão à qual me dediquei; exercitei-me como pude para a prática da profissão, nos limites que julguei razoáveis — jamais superestimei a **Prática** que, em suma, só pode ser privilégio e galhardão para o rábula. UM DIPLOMA tem, apenas, uma função — facultar o exercício de uma profissão liberal: êste o destino do meu.

Veremos mais tarde se o diploma continuou a «valorizar» minha personalidade ou se, do meu estudo contínuo e esforços diários, conseguirei dar-lhe maior sentido, maior expressão, maior conteúdo. Quando tiver conseguido isto, e só então, estarei começando a realizar-me.

2 — Nosso Curso Jurídico, evidentemente, está longe da perfeição, mas seus defeitos não são, como pretendem alguns, do sistema, não se prendem ao ensino ministrado, nem ao número de cadeiras existentes mas, ao contrário, têm sua origem na carência, na deficiência quantitativa do ensino. Dizem alguns «advogados» que o ensino nas Faculdades de Direito é teórico demais... e, ao meu ver, a deficiência do curso jurídico é não poder êle comportar mais teoria, mais ciência. Pode uma Faculdade de Direito proporcionar aos alunos aulas práticas e é aconselhável que o faça, mas a prática não é parte integrante de um Curso Superior.

Há, também, «deficiências» no que se poderia chamar relações universitárias (docentes e discentes), a vida universitária não é o que poderia ser mas pensamos ser isto questão de tempo e de oportunidade.



Conversa de MULHER



● CHAMOU OS BOMBEIROS!

Na pequenina cidade de nome romântico «Lover Hill» (Colina dos Namorados), na Nova Zelândia, o baile corria animado. Não, porém, para Joan Stolp — uma jovem bonita, simpática, atraente... Havia muito mais moças que rapazes no salão de festas e Joan estava bancando o «jarrão». Não lhe sobrava par para dançar, apesar de seus muitos e belos predicados. Joan teve, porém, uma idéia original para resolver aquêle impasse. Quebrou o vidro do sinal de alarme e chamou os bombeiros, numa suprema atitude de quem está jogando a última cartada...

Mais tarde, quando teve que explicar o seu gesto às autoridades justificou-se:

— Os bombeiros, inclusive o seu elegante capitão, são os melhores dançarinos de «Lover Hill»!

O juiz, que não era nada galante (talvez fôsse um péssimo dançarino), condenou a jovem a pagar multa, por ter quebrado sem necessidade o sinal de alarme de incêndio.

● AINDA POR CIMA OS GATINHOS!

São os mais interessantes possíveis os motivos alegados para divórcios, nos Estados Unidos. Chega-nos agora uma notícia de Los Angeles sôbre o assunto. Walter Spinkel explicava ao juiz os motivos que o haviam levado a querer se separar de sua bela espôsa Clara:

— Durante o dia, senhor juiz, ela vai às corridas e perde todo o meu ordenado nos cavalos. Mas isso ainda eu suportaria se à noite ela não teimasse em me obrigar a dormir com três gatinhos na nossa cama!

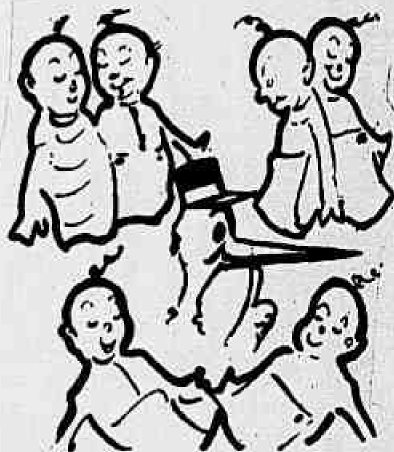
● ERA FÁCIL ROUBAR...

Nem sempre se é levado ao crime por maus instintos... às vêzes o motivo é a simples curiosidade, como aconteceu à uma jovem de 18 anos, nos Estados Unidos. Foi apanhada no momento em que saía da loja com um vestido que não havia pago. Roubara-o da cabine onde o mesmo tinha sido levado — junto com muitos outros — para que experimentasse. A moça não era pobre, e o vestido valia cêrca de 800 cruzeiros. Perguntando-lhe o delegado porque agira assim, ela explicou:

— Me disseram que era fácil roubar vestidos... eu quis experimentar.

● DUPLA VIDA

Com apenas 19 anos de idade, a jovem genovesa, Vittorina Massano, já vive uma vida dupla. Quem a vê trabalhando no atelier de costura com a mãe, dificilmente acreditaria que é a mesma moça que todos apontam, com admiração alguns e reprovação outros, quando corre em disparada numa motocicleta pelas estradas que bordejam a cidade. Num intervalo entre a confecção de um vestido e outro, Vittorina já venceu muita competição motociclística importante, em San Remo, Pescara, etc.



Dedica-se a êsse esporte desde os quinze anos, quando aprendeu a andar na motocicleta do pai. Nas primeiras competições em que tomou parte, teve que suportar o olhar de desprêzo dos concorrentes masculinos, que, no entanto, no final das provas se transformavam em admiração pela sua excelente «performance». Até agora tem tido muita sorte nos acidentes que sofreu. Vittorina adora a sua motocicleta e está noiva de um outro corredor de nome Bruno Materassi.

● NO MESMO LOCAL, QUASE A MESMA HORA

Volta e meia deparamos com coincidências estranhíssimas. Uma das mais interessantes foi a que aconteceu aqui no Rio, na maternidade da fundação Clara Basbaun. No dia 10 de fevereiro, quase a mesma hora, nasceram naquela maternidade três casais de gêmeos. Além disso, era o primeiro parto das três mãezinhas, que contavam 16, 18 e 21 anos de idade. Tôdas se mostraram muito surprêsas e tinham como maior preocupação arranjar um nome para «a outra» ou «o outro» com que não contavam, absolutamente.

LIGIA JUNQUEIRA

SUGESTÃO PARA O LAR



QUAL a dona de casa que não gosta de ter uma toalha de mesa rendada ou bordada, para usar nas grandes ocasiões? Existem no gênero verdadeiras obras primas que se exibem com orgulho. No entanto, há alguns princípios que devem ser seguidos quando se cobre a mesa com uma preciosidade destas:

★ Uma toalha rendada (como a da ilustração, por exemplo, em renda de Veneza, apresentada por McCutcheon) exige baixela, louça e cristais com motivos simples, que mais realcem a toalha, e não transformem o conjunto num amontoado de desenhos e côres.

★ Visando, ainda, realçar a toalha, os enfeites para o centro da mesa têm que se limitar a algo singelo, como na ilustração, em que uvas verdes e violetas foram associadas e candelabros de cristal. O efeito é muito distinto e prima pela originalidade.

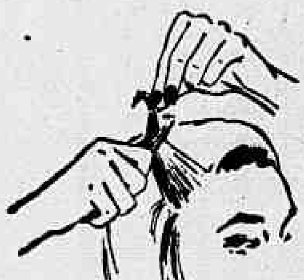
★ Não dobre os guardanapos em formas estranhas — o que é extremamente provinciano — já são por demais vistosos com os cantos de renda. Coloque-os simplesmente ao lado do prato, a esquerda, junto aos talheres... Usar uma toalha bonita é uma arte — uma arte agradabilíssima para a dona de casa! — NIKE.

UM POUCO DE BELEZA

Penteados

O SEGRÊDO de um penteado bem feito, a ponto de ser julgado obra de um cabeleireiro profissional, está na maneira pela qual você enrola e prende os cabelos, para formar o ondeado. Se gosta de se pentear você mesma, eis alguns conselhos que a orientarão nessa tarefa que é uma verdadeira arte — a arte do penteado.

★ *Para conseguir uma ondulação de tipo médio, separe uma mecha de cabelos que tenha mais ou menos três centímetros quadrados, na base, junto ao couro cabeludo. Quanto maior quantidade de cabelos você pegar de cada vez, mais largo e frouxo ficará o ondeado, e vice-versa.*



★ *Comece a enrolar os cabelos das têmporas para as orelhas, e, depois, destas para trás, para o centro da cabeça. Enrole a mecha sôbre o dedo indicador, auxiliando com a outra mão.*



★ *Depois de ter enrolado tôda a mecha em tôrno do dedo, retire-o com cuidado, de modo que o cachinho fique achatado de encontro à cabeça. Prenda com um grampo ou com dois grampos cruzados.*



★ *Agora, alguns princípios gerais: Prenda os cabelos quando ligeiramente úmidos, e não muito molhados. — Para que êle "dê jeito" melhor, use uma loção especial na última água em que enxaguá-los, quando fizer o seu xampu. — Não vá nunca para a cama com os cabelos molhados. Se tiver que prendê-los à noite durma com uma touca ou lenço. — Escove os cabelos delicadamente, depois de retirados os grampos e antes de fazer o penteado que deseja. — Se quer que o ondeado dure, deixe que o cabelo seque completamente, antes de tirar os grampos.*

JÚLIA DE MILO



A FUNÇÃO DOS CREMES

● Sabe porque os cremes de beleza fazem bem à pele? A pele tem uma acidez natural, que deve ser restaurada depois de lavada com água e sabão. Os cremes têm como função principal exatamente preservar o equilíbrio ácido da pele do rosto e das mãos.

BELEZA E RESFRIADO

● São horrìvelmente pouco estéticos nariz e olhos vermelhos, irritados pelos resfriados. O remédio é usar vaselina para evitar irritação das narinas, por dentro e por fora, e banhar os olhos com um bom colírio duas vêzes por dia, quando estiver resfriada. Para não irritar o nariz, use lenços de pano ou de papel bem macios.

SE as unhas estão com a pele por baixo suja ou encardida, não utilize uma ponta ou uma lima de metal para limpá-la. Dê preferência a um espinho de laranjeira ou a uma ponta de madeira que não danificam as unhas. Limpe-as depois de deixá-las de môlho por alguns minutos em água morna. Depois escove-as com uma escovinha apropriada, com bastante água e sabão.

AS DOENÇAS DO CORAÇÃO TÊM CURA?

Por que sofremos? Por que esperamos?

Os doentes que esperam são marcados pelo sofrimento e pela doença. A doença do coração é uma coisa tão inexplicável, que não percebemos a razão por que não hei de curar-me inexplicàvelmente... diz o incrédulo...

Se queremos ter uma fé qualquer, e sem uma fé não podemos viver, temos que aprender a aceitar, que detrás daquela porta do INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO, desponta uma cura milagrosa para o vosso coração. Temos conosco a experiência técnica, as fontes de informações e dos conhecimentos requeridos para apanhar os fatos que você precisa. Com novos métodos de diagnóstico... novos métodos de pesquisas... aparelhagem novíssima... fórmulas que diminuem os tempos da doença... e que vos darão mais anos de vida.

INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO

Departamento: "PRAIA" — SANTOS: CAIXA POSTAL, 1.103
Rua Floriano Peixoto, 8 — Santos — Estado de São Paulo

Queiram enviar-me uma solicitação de exame e tratamento em sua própria casa — pelo novo método de nosso Instituto.

NOME: ....
(Favor escrever em letra de fôrma)
ENDERÊÇO ....
CIDADE .... ESTADO ....

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente v o l u m o s o, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº. ......
NOME...........................
RUA.................. Nº.......
CIDADE.........................
ESTADO.........................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

WINDSOR HOTEL



RUA GUAIANAZES 10
Telefone: 35-41-95
Endereço telegráfico:
Windsorhotel
SÃO PAULO

!! !
diária nunca esquecida a sua
...ENE ÍNTIMA
Melrolina
ANTISSÉPTICO
ADSTRINGENTE
BACTERICIDA

Semana ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 6 E 12 DE FEVEREIRO DE 1954 — (Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — O leitor vai ter uma semana completamente vasia, até mesmo de emoções. Não espere algo de importante nos próximos sete dias, o que importa em dizer da ineficácia das suas iniciativas. Fique onde está, até passar a onda.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — A próxima semana registrará aspectos desfavoráveis entre os luminares e o astro que lhe comanda o destino. Sua vida sentimental, por exemplo, estará sob fortes ameaças. Oito e dez serão os dias mais perigosos.

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Com exceção do dia 10, todos os demais serão favoráveis aos negócios e às especulações marginais à profissão. Os resultados poderão ser avantajados, mesmo se souber tirar partido das facilidades que lhe vão ser dadas.

★ CANCER (23/12 — 20/1) — O ambiente lhe exigirá o máximo de discrição nos negócios e, muito especialmente, nas questões sentimentais. A traição e a delação, em plena liberdade, rondarão sua porta, desejosas de metê-lo numa grande complicação. Tome cuidado.

★ LEÃO (21/1 — 20/2) — Sua inteligência brilhará na próxima semana. As soluções lhe virão fáceis e claras, dando-lhe, assim, uma excelente oportunidade para o definitivo esclarecimento das dúvidas sôbre o melhor rumo a seguir. Oriente-se por si mesmo e não errará.

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — Não pense em modificar, agora, o rumo que estiver sendo seguido. A continuação vai ser muito melhor do que a substituição. Continue. Os dias 7, 9 e 11 serão excelentes sob o ponto de vista profissional, social ou doméstico.

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — A semana lhe poderá trazer uma grande e agradável surprêsa. A recuperação inesperada de uma situação perdida poderá efetuar-se nos dias 7, 9 e 10. O novo período lhe será muito favorável aos negócios e às pretenções.

★ ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — A semana abrir-se-á com um aspecto convidativo, no seu caso. Com exceção das viagens, todos os empreendimentos estarão bem astralizados. Poderá tomar as iniciativas que entender.

★ SAGITARIO (21/5 — 23/6) — Não pratique, na próxima semana, nenhum ato hostil aos poderes públicos. Sua liberdade estará ameaçada. Evite discussões políticas, manifestações na praça pública, incitamento a greves, etc. Nos negócios, porém, sua posição é segura.

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Os negócios imobiliários estarão prejudicados, no caso do leitor, na semana entrante. Os contratos firmados, na sua vigência, serão fonte de litígios e de demanda judicial.

★ AQUÁRIO (23/7 — 21/8) — Todos os excessos serão altamente prejudiciais ao leitor, na próxima semana, principalmente na mesa e no bar. Sua saúde está ameaçada de distúrbios mais ou menos sérios.

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Limite-se aos negócios da sua profissão, pois não terá oportunidade para atividades paralelas à mesma. O clima social lhe será favorável. Poderá solicitar o concurso de que tiver necessidade, certo de ser atendido.

OS NOMES DA SEMANA

Março,	6	—	Cirilo	—	Márcia
"	7	—	Tomás	—	Clotilde
"	8	—	Eutrópio	—	Ermelinda
"	9	—	Metódio	—	Cândida
"	10	—	Crescêncio	—	Lícia
"	11	—	Constantino	—	Helena
"	12	—	Paulo	—	Egídia

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

				(SIGNO:)
Março,	6	—	15º - 22' - 59''	(Peixes)
"	7	—	16º - 23' - 3''	(")
"	8	—	17º - 23' - 4''	(")
"	9	—	18º - 23' - 4''	(")
"	10	—	19º - 23' - 1''	(")
"	11	—	20º - 22' - 56''	(")
"	12	—	21º - 22' - 49''	(")

NOVE PEQUENAS PARA UM RAPAZ

Por MICHEL DUCHEMIN

Tradução de SYLVIA JAMBEIRO.

A noite começava a cair.

O «Dalmatia» superava as previsões otimistas, podia-se apreciar tudo sem acotovelamentos e tropeços.

O forte St. Nicolas que guardava a entrada do fjord erguia-se imponente e eu me preparei para fotografá-lo.

Peter, que nos seguira, parecia muito interessado na minha câmara fotográfica. Há bem uns cinco minutos que êle observava mas tanta gente se tem extasiado diante do magnífico aparelhamento fotográfico que possuo que a admiração de Peter não me surpreendeu.

— Michel . . . (começou êle então com voz mansa e hesitante).

Viro a cabeça e sorrio para êle. Mas o sorriso desaparece ante a sua expressão séria. Êle desviou o olhar, que se passaria?

— Não precisa regular tanto a máquina, é proibido fotografar aqui. Estamos numa zona militar.

E o forte St. Nicolas passa altivo como uma bela mulher inacessível, proibida.

Normalmente eu teria aceitado a proibição com naturalidade, teria dado de ombros meio indiferente mas Peter me pareceu tão ferino ao fazer a proibição que até tive pena dêle.

— Compreendo (respondi sêcamente).

E guardei a máquina no estojo.

Creio que já lhes contei que na França, em Parquerolles exatamente, fui com a minha câmara tirar fotografias numa praia que por azar pertencia à Marinha e me vi em má situação porque me acusaram de estar fotografando as instalações do Radar. Não foi bem assim mas ao contar o caso a Peter fiz questão de escurecer um pouco as tintas do quadro.

Êle acabou por sorrir e finalmente nossos corações patriotas bateram juntos com igual orgulho.

Então recostados na balaustrada ficamos olhando a costa deserta.

Peter era estudante de motores de avião e talvez porque êle não houvesse feito grande sucesso com as pequenas eu de vez em quando o achava simpático.

Magro e sêco como um graveto mantinha-se compenetrado na figura de gênio da mecânica, indiferente ao resto.

Na falta de um motor de avião para distrair-se êle resolveu consertar a minha lapiseira que não estava funcionando bem. Fiquei um pouco inquieto porque sei que todos os mecânicos se parecem; por exemplo, depois de desmontar completamente o velho carrilhão, herança de família, êle prova que o mecanismo é defeituoso e isto fica positivamente provado depois da intervenção do ilustre homem de ciência. Peter no entanto desmentiu a tradição da classe pois acaba por me devolver a lapiseira completamente consertada e funcionando bem.

O vapor começa então a jogar de modo estranho.

— Dir-se-ia que o mar está dançando rumba (comento inquieto).

Peter sorri e piscando um ôlho pergunta divertido.

— Será que você enjoa no mar?

— Não sei (respondo) esta é a minha primeira grande travessia de vapor. Ontem . . .

— Ontem o mar estava muito calmo. Hoje já há bastante vento. Creio que quando nos afastarmos das ilhas, e estou vendo que vamos com velocidade, o vapor vai jogar sèriamente. Em todo caso eu trouxe pílulas contra enjôo, quer alguma?

— Oh! Não, não é preciso.

E intimamente reprovo a minha própria discrição.

— Parece que não trouxe as pílulas (verifica Peter revistando todos os bolsos).

Êle tinha razão, o navio jogava mais e mais e comecei a sentir sintomas de um mal-estar que efetivamente . . .

Era preciso tomar as pílulas contra enjôo imediatamente mas comecei a pensar nos outros; ver um indivíduo devolver o jantar na rua não é espetáculo agradável mas que dizer de todos os passageiros de um navio em situação tal?

E meio tonto resolvo procurar as meninas. Encontro-as em volta de Montenegro que está sentado no tombadilho como um jovem Deus de bom gênio e um pouco tímido. Colette me chama:

— Ah! Michel onde andava você? Nós prometemos a Montenegro que cantaríamos para êle canções francesas.

— Vocês já notaram como o mar está agitado? (perguntei tentando mostrar indiferença na voz).

— Sim, engraçado, como joga . . . Há bastante vento.

— E vocês não enjoam? (continuo, olhando a turma).



Todos estouram em gargalhadas, gargalhadas cristalinas.

— Imaginem! Enjoar só por causa destas ondinhas. Ora, Michel, vamos, vamos cantar «Os cavaleiros da mesa redonda».

— É pra já.

Corro para a minha valise. Cantar agora que o mar se tornava cada vez mais violento me parecia pura loucura e aproveitei para procurar minhas pílulas contra enjôo.

— O que é que você procura? (perguntou Catherine impaciente).

— Espera aí, creio que trouxe um livro de canções.

Denise corre para mim:

— Então anda, me dá logo. Êle deve ter a letra que estou procurando.

Tive apenas o tempo justo de esconder numa das mãos o vidrinho de pílulas e apanhar com a outra o livro de canções. Agora era preciso que eu me afastasse um pouco para tomar as pílulas. Felizmente eu já havia lido antes a maneira de tomá-las, dei uns passos e ouvi que me chamavam:

— Hei, Michel, onde é que você vai? Você tem uma bela voz de barítono e que ficará muito bem no «chorus».

Tentavam-me com elogios à minha bela voz e com as velhas canções familiares. Mas corri decidido e entrei no lavatório onde afobado meti duas pílulas na bôca embora não muito tranqüilo pois faço parte dêste grupo de pessoas que se engasgam com comprimidos e que uma vez entalados nem jarros de litro dágua, doces, pão conseguem resolver o caso. Brrrr, e estas pílulas vinham na mais completa nudez, sem aquela capa de açúcar que ameniza um pouco o amargor.

Saio do lavatório com ar menos confiante do que entrei. As tais pílulas foram inventadas para prevenir o enjôo mas no momento eu começava justamente a sentir náuseas horríveis. Um dos comprimidos ficou prêso na garganta como uma fonte permanente de fel, e eu a sentia presente a cada deglutição, e perguntava em que cantinho secreto estaria ela tão bem alojada. Ao mesmo tempo lembrei de ter lido na bula que o remédio tinha também a ação de fazer dormir e me senti prestes a desfalecer, tonto de sono, o coração sobressaltado, doente, enquanto as pequenas à minha volta cantavam, cantavam . . .

O vapor brincava agradàvelmente com as ondas assim como um cãozinho novo e travêsso. Era preciso manter a linha, ninguém ali ao meu redor parecia afetado e eu temia ter de repente de sair correndo e me debruçar na amurada . . . seria horrível! Se pelo menos alguém já tivesse começado antes de mim!

As pequenas continuavam a cantar.

Poderíamos dizer que estavam num prado verdejante e claro ou no jardim de um mosteiro tal a serenidade de suas fisionomias. Léna, Montenegro e Peter tentavam em vão parecer interessados. Com meu caderno de canções na mão Denise fazia uma exibição do inestimável tesouro de poesia e ternura que é a canção de nossa terra. Nas bôcas de minhas meninas as ditas canções tomavam ritmo e harmonias originais que lembravam por vêzes o ruído caraterístico das máquinas de costuras quando estão precisando de lubrificação.

Sòmente Denise merecia ser classificada como cantora do gênero realista mas ela temia talvez fazer um solo brilhante, contudo já uma onda de curiosos nos cercava.

Eu sentia de vez em quando um torpor invencível. Tudo oscilava como os pêndulos dos relógios; meu estômago, meu fígado, tudo afinal parecia amotinar-se contra mim.

— Michel (chamou Denise animada). Você sabe a letra de «Feuilles Mortes»?

— Creio que sim (respondi para logo me arrepender ante a gravidade do que acabava de assumir).

— Então vamos cantar. Até aqui o repertório não estava bom e é preciso reabilitarmos com «Feuilles Mortes». Você vai cantar comigo.

Abro os olhos com doloroso esfôrço.

— Como você parece cansado (observa Denise apiedada).

— É . . . é interessante mas sinto uma invencível vontade de dormir . . .

— Cante, cante que isto passa.

Talvez ela tivesse razão e mesmo . . . no ponto em que eu estava tanto fazia me exibir na pista de danças de Rijeka ou cantar «Feuilles Mortes» mareado no tombadilho de um vapor iugoslavo ante a admiração de todos.

Não saber cantar sempre constituiu um dos grandes desgostos de minha vida.

A meu ver, cantar pela manhã ao barbear-se ante a janela aberta para o sol claro, cantar sob a chuva, cantar acompanhado por um piano melancólico constitui uma fonte de prazer inesgotável para o homem e que eu não conhecerei!

Mas, talvez por efeito da sonolência ou da tonteira que senti, criei coragem para erguer-me e, a plenos pulmões, de olhos no céu, interpretei com expressões de fazer vibrar as pedras e de empalidecer de inveja Bessie Smith a rainha dos «blues». Como um Orfeu moderno tive a impressão de que a chaminé do vapor se curvava para ouvir de perto a minha voz e o mar parou por um instante a sua fúria enquanto uma paz estranha envolvia tôda a Terra.

Os iugoslavos confessaram que estava tudo muito bem mas que era um pouco triste e fiquei admirado de não ver lágrimas de emoção rolando pelas faces tostadas de sol das pessoas à minha volta.

Em recompensa tivemos de ouvir um bom número de cantos iugoslavos.

Peter possuía uma bela voz de baixo profundo, própria para cantar «Os barqueiros do Volga» e cantando expressivamente embora em sua língua, para nós incompreensível, êle olhava para as pequenas como se quisesse com seu olhar ardente traduzir as palavras que dizia com emoção.

Achei mais elegante não pedir que traduzissem as letras das referidas canções.

★

Foi em Split que me assaltou uma vontade furiosa de comprar um barrete servo.

Tentaram-me convencer de que um tal troféu não é considerado uma raridade capaz de dignificar um turista parisiense e que em Split havia muita coisa mais interessante, como por exemplo, o palácio Diocleciano em ruínas mas eu que não tinha a cabeça em ruínas só pensava em vê-la coroada por um daqueles barretes côr de laranja bordados de negro. Chegava a ver a minha entrada triunfal, num baile de máscaras em Paris, usando o maravilhoso chapéu e informando com honestidade tratar-se de um autêntico barrete servo! Poderia até inventar uma história fantástica e provê-la com a apresentação do troféu precioso.

Mas quem pensar em tal compra em Split terá de pôr-se em campo imediatamente. Para isso tratei de reunir as meninas à minha volta, tarefa um tanto árdua. **(Continua no próximo número)**

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

● O jovem Michel resolve passar as férias na Iugoslávia e só no dia da partida descobre que viajará em companhia de várias moças. Em Rijeka o guia que os espera é também uma moça. Hospedam-se numa Casa de Estudantes, vão à praia, comem num restaurante socialista e vão a uma «boite». Seguem viagem num vaporzinho que ameaça sossobrar com o excesso de passageiros. Visitam o museu, depois vão às cataratas de Krka e há uma visita programada à Catedral mas Michel escapole e vai dar uma volta pela cidade. Daí embarcam num grande navio que começa a jogar tonteando todos enquanto as pequenas resolvem cantar velhas canções francesas. Chegam a Split onde Michel quer a todo custo comprar um «souvenir» do lugar mas é desapontado pelas companheiras. Estas arranjam então admiradores iugoslavos que lhes fazem mil convites mas na hora se esquivam deixando Michel sòzinho para acompanhar e dançar com tôdas nove. Léna, a guia, tem ares misteriosos assim como seus compatriotas Peter e Montenegro, o que dá lugar a mais desencontradas conjeturas. Os três aparecem de repente na «boite» dançam um pouco e somem outra vez sem explicações. Os turistas começam a ficar alarmados pensando logo numa alteração na situação internacional. Saem da «boite» e procuram contato com algum compatriota a fim de saber o que se passa. Depois de muita procura descobrem um que finalmente explica que nada há de novo. Não obstante, a atitude de Léna continua a preocupar o grupo.

LITERÁRIA

NOTÍCIA PRÉVIA DE UM CONGRESSO

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE escreveu uma crônica sôbre o I Congresso Nacional de Intelectuais, que êle chama de "festival de Goiânia". Depois de várias considerações curiosas, o poeta Drummond, numa excelente crônica, afirma que é fácil noticiar, por antecipação, o que seria aprovado no congresso goiano, "por unanimidade, com uma salva de palmas e de pé". Eis as resoluções que Drummond antecipa:

1º defender o caráter nacional de nossa cultura, que, como se sabe, é anterior à dos maias e jamais sofreu influências alienígenas;

2º barrar especialmente a nefasta infiltração cultural norte-americana, que não nos ensinou nada em matéria de liberdades políticas e é responsável pela introdução de inúmeros barbarismos em nossa linguagem literária, tão bem defendida, em sua pureza, pelo escritor Jorge Amado;

3º guerra de morte às histórias em quadrinhos, até que se possa tirar do mercado os "comics" americanos e substituí-los por outros em que Fernandinho seja operário de uma usina do Cáucaso e Violeta ganhe a medalha do plantio intensivo da cebola;

4º adoção urgente do realismo socialista como teoria oficial na Escola Nacional de Belas Artes, utilizando-se para isso os préstimos acadêmicos do sr. Osvaldo Teixeira, que pinta tão bem como Fougeron, e é mais barato;



Drummond de Andrade

5º restabelecimento e intensificação das relações com a URSS, da qual importaremos trigo, máquinas, romances e "slogans", e à qual enviaremos turistas incumbidos de escrever livros pré-fabricados sôbre o que puderam ver lá;

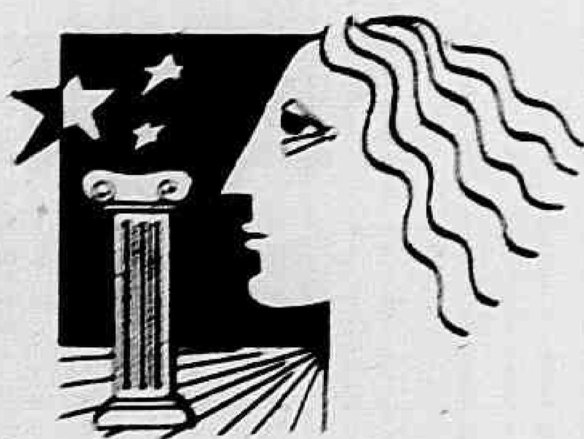
6º protesto contra a bomba de hidrogênio, a execução do armistício na Coréia, a cara do sr. Foster Dulles e outras miudezas;

7º combate irrestrito ao sr. Getúlio Vargas e apoio frenético ao mesmo senhor, conforme o dia da semana, a pressão atmosférica e outros fatôres de política, dialética; etc., etc.

Realizado o Congresso, o leitor pode conferir se estão certas as conclusões antecipadas por C.D.A. Devem estar.

UM POEMA POR SEMANA

Imagem



Uma cousa branca,
eis o meu desejo.

Uma cousa branca
de carne, de luz

talvez uma pedra
talvez uma testa

uma cousa branca
doce e profunda

nesta noite funda
fria e sem Deus.

Uma cousa branca
eis o meu desejo,

que eu quero beijar
que eu quero abraçar.

Uma cousa branca
para eu me encostar

e afundar o rosto.
Talvez um seio

talvez um ventre
talvez um braço

para eu repousar.
Eis o meu desejo

uma cousa branca
bem junto de mim

para eu a sentir
para eu me esquecer

nesta noite funda
fria e sem Deus.

DANTE MILANO

Roupa de Domingo



Ciro dos Anjos

NO SUPLEMENTO do «Diário Carioca» (ruinzinho, ruizinho), o redator da secção «De tôda parte» (Carlos Castelo Branco) informa que Álvaro Lins voltará a Lisboa, para prosseguir com o seu curso de Estudos Brasileiros, que, naturalmente, deveria durar dois anos (e só tem um, até agora). A disputa, segundo informação da mesma fonte, é grande, para saber quem irá substituir o crítico do «Correio da Manhã». Cyro dos Anjos, que está no México, fêz fôrça para mudar de continente, mas não parece ter tido êxito. Por seu turno, Aurélio Buarque de Holanda movimentou os seus recursos — e parece o mais provável substituto de Álvaro Lins no pôsto que o Itamarati mantém em Lisboa (dólar oficial).

No mais, Rui Santos, o deputado, conta, chorosamente, a historieta da «fonte da Vovó». Historieta da Bahia, que baiano é o sr. Santos. Outro deputado metido a literato, o sr. Ernâni Sátiro, escreve «Crítica de Romance», para discutir com o sr. Olívio Montenegro se o sr. Armando Fontes (também deputado, PR) é ou não é romancista.

Mas o suplemento do «Diário Carioca» sempre se salva por uma boa peça, e aqui está ela: o poema «Galo Galo», do jovem Ferreira Gular, um maranhense ousado que está forcejando por encontrar um caminho próprio, à margem da estrada real e ampla por que trafegam as legiões de sub-poetas da atual geração. No mais, sempre é bom reler uma página de Mário de Andrade («Elegia de Abril»), a grande figura literária e humana que os mocinhos de 45 decidiram eliminar da paisagem.

★

LAMENTÁVEL é o «O Jornal», com um suplemento que consegue piorar a cada semana. Salva-se em todo caso, a coluna informativa de Valdemar Cavalcânti, que andou pelo Recife e ficou impressionado com o número de poetas (bons, garante êle) que andam por lá. Em todo caso, ainda há um artigo legível, o do sr. João Clímaco Bezerra, sôbre as «Memórias do Cárcere», de Graciliano.

★

NO «DIÁRIO DE NOTÍCIAS» (o menos ruim dos suplementos dominicais), o primeiro lugar cabe a Paulo Ronai, com um excelente e instrutivo artigo sôbre às «Ironias e profecias de Villiers de L'isle-Adam». Nunca se perde tempo em ler o mestre Ronai. No rodapé, Tristão de Athayde (futuro embaixador no Vaticano) explica, mais uma vez, o que foi a Idade Média, respondendo a um anônimo-polêmico. Deixá-los polemizar. E Reinaldo Bairão garante, em duas colunas: «Espero sòzinho a volta ao Nada». Já Homero Homem, «residente. da prosa, munícipe lebloniano», comunica a descoberta do vocábulo «escaleno». Alceu Marinho Rêgo lança-se ao «Tricentenário no Recife», para que não se fale apenas de São Paulo, que tem um século de lambugem. Jackson de Figueiredo continua lembrado pelo sr. Jorge Abrantes, que toca o mesmo realejo no «O Jornal». O mais, a destacar, é o «conto da semana», onde brilha Godofredo Rangel.

★

O RESTO NÃO é roupa de domingo. E' roupa de sábado mesmo, com duas páginas do «Correio da Manhã» (chochas) e uma página na «Tribuna da Imprensa» (nada de novo). A semana e têve fraca. Até quando?

Cineac Literário

● JOÃO CABRAL de Melo Neto e Gastão de Holanda desceram de Recife para São Paulo, a fim de receber os prêmios Cr$ 100.000,00 (cada um) de poesia e romance, instituídos pela Comissão do IV Centenário de São Paulo. Na solenidade para a entrega da láurea, havia muita gente. Cada um dos premiados recebeu uma estatueta e um envelope. Ambos supuseram logo que ali estava o cheque, mas tiveram certa decepção ao verificar que existia no envelope apenas um convite para passar na rua tal, número tal, quando então receberiam (e receberam) o dinheiro. Gastão de Holanda tem horror à oratória e jurou que não faz discurso. Diante disso, o poeta de «Psicologia da Composição» foi obrigado a tomar a palavra e fazer o agradecimento oficial. Ninguém, no entanto, conseguiu ouvir as palavras de João Cabral. A Rádio Recorde instalou seu gravador a poucos centímetros do poeta, mas, mesmo assim, não pôde transmiti-las depois, porque o fio de voz de Cabral não foi suficiente para impressionar o araminho mágico. Aos íntimos, porém, João Cabral contou o que disse em seu discurso. Foi uma peça algo convencional, com elogios a São Paulo e os agradecimentos do estilo.

Recebido o prêmio, os dois recifenses ficaram ainda por três semanas na capital paulista, a fim de rever as provas dos respectivos livros. Ambos fizeram modificações no texto, bastante numerosas. João Cabral passou depois três dias no Rio e voltou ao Recife, onde pretende ficar até fins de abril. Gastão de Holanda, por seu turno, não tenciona mudar-se para o Rio. E' pais de seis filhos e vive, no Recife, como funcionário do Banco do Brasil. O govêrno de Pernambuco ofereceu a passagem aérea Recife-São Paulo a Gastão de Holanda. João Cabral, para a mesma viagem, gastou o dinheirinho de seu próprio bôlso.

● MAIS UM POETA: Abelardo Romero, que estréia com «A Musa Armada». Romero é jornalista, atuando na crônica política. Também outro jornalista — Salviano Cavalcânti de Paiva — fêz a sua incursão pela poesia, com um volume intitulado «Operação-verso». Êste último traz um prefácio do repórter Carlos Oliveira, um dos «brotos» da imprensa carioca.

● EDUARDO FRIEIRO vai organizar a Biblioteca Pública de Minas Gerais. A tarefa custará ao Estado dezesseis mil contos. Frieiro é homem indicado para a missão, das mais louváveis. Que outros Estados sigam o exemplo.

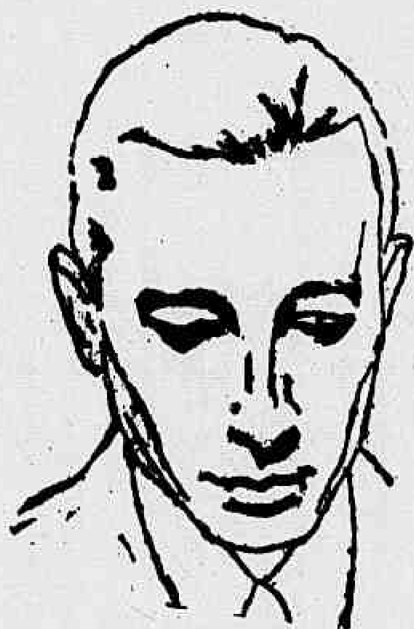
● JOSÉ LINS DO RÊGO, com «Cangaceiros», ganhou o prêmio Carmen Dolores Barbosa (25.000 cruzeiros), instituído pela senhora do mesmo nome. Entre os concorrentes (todos os publicados em 53), figurava «Romanceiro da Inconfidência», de Cecília Meireles. Constou que alguns juízes deixaram de se pronunciar sôbre êsse último livro por o não terem encontrado nas livrarias de São Paulo, ou seja por o ignorarem.



Lins do Rêgo

Por falar em José Lins, o autor de «Fogo morto» descobriu uma lista dos escritores franceses que recebiam pensão do Rei, no ano de 1672. Os maiores beneficiados pela generosidade real são hoje ilustres desconhecidos, que nem o dicionário Larousse registra. Basta um exemplo: um tal Chapelain tinha 3.000 francos, ao passo que Molière não merecia mais de 1.000. Se no Brasil houvesse pensão para os escritores, quais seriam os beneficiados? Zé Lins, certamente, estaria excluído...

ESPELHO DE ESCRITORES



José Condé

JOSÉ CONDÉ — No registro civil, José Ferreira Condé (Condé, ao contrário do que muita gente pensa, não é francês, mas um apelido bem nordestino que foi dado ao seu avô) nasceu em Caruaru, no dia 23 de outubro de 1918, onde viveu até 1929, ano da morte de seu pai. A sua vocação para a vida de jornal revelou-se muito cedo. Aos nove anos, sòzinho, sem outro estímulo senão o impulso interior de escrever, redigia a mão dois jornaizinhos: «Diário da Manhã» e «Diário da Tarde», eminentemente políticos e noticiosos, como convém aos diários do interior. Mas o «Diário» de José Condé era sobretudo independente e fazia a mais brava oposição ao prefeito municipal, de resto o primeiro leitor do jornal, que o mandava buscar ao editor-redator por um contínuo. Como seus dois irmãos (Elíseo e João), teve uma infância despreocupada, de menino do interior filho de pai-rico (seu pai era um «trustman» de Caruaru, possuindo mais de cem casas e um verdadeiro monopólio comercial na cidade). Aos 11 anos, perdeu o pai, o que teve grande importância na sua vida. Seu irmão mais velho, Elíseo, médico no Rio, trouxe-o para Petrópolis, onde ficou internado no colégio «Plínio Leite», no qual fêz todo o seu curso secundário. Para não perder o hábito, redigiu, também no colégio, um jornalzinho escolar, mas literário e menos político. Adolescente, ingressou na Faculdade de Direito, bacharelando-se em 1941. Acadêmico de Direito, começou a trabalhar, profissionalmente, na imprensa. Iniciou-se no «Cruzeiro», onde lançou algumas grandes reportagens literárias. Sua vocação já estava definida pela Literatura, mas, ao contrário da maioria dos iniciantes, não se demorou no território da poesia. Seu único poema conhecido é o que canta a cidade de Olinda, e que saiu publicado, em grande estilo, numa página ilustrada do «Cruzeiro». Trabalhou um ano junto à editôra José Olympio, redigindo notas de publicidade sôbre livros. Passou ao Instituto dos Bancários, onde exerce, ainda hoje, o lugar de procurador. Estreou em 1945, com um livro de novelas, «Caminhos na sombra». Daí, entregou-se ao romance, com uma tentativa bem sucedida: «Onda Selvagem», livro laureado com o prêmio «Malheiro Dias», instituído pelo «Cruzeiro» (15 mil cruzeiros). Em 1952, editou «Histórias da Cidade Morta» (prêmio «Fábio Prado», 25 mil cruzeiros), livro de contos que configurou a sua fisionomia de escritor e lhe conquistou um bom lugar entre os contistas brasileiros contemporâneos. Tem um livro inédito, «Roteiro do Agreste» (reminiscências de Pernambuco), do qual já publicou excertos na imprensa. Em 1949, com seus irmãos Elísio e João, fundou o «Jornal de Letras», o mensário de literatura mais bem feito e mais duradouro do Brasil. A supervisão e paginação do «J. de L.» é obra sua. Atualmente, assina uma coluna diária no «Correio da Manhã», de notas e novidades literárias. E' também o responsável pelo suplemento de arte e literatura do «Correio», editado aos sábados. Casado, tem duas filhas. Nunca viajou de avião, mas nem por isso deixa de ir a Pernambuco. No ano passado, foi ao Recife duas vêzes, ambas viajando de automóvel. Não perde jôgo de futebol, sobretudo se joga o Botafogo, de que é torcedor apaixonado e cego. E' um dos homens que mais gastam dinheiro com táxi e não pensa em comprar automóvel. Nunca anda de ônibus, lotação, ou bonde. E' fã da cozinha nortista, apesar de casado com mineira. Apesar de ter saído muito cedo de Caruaru, continua irremediàvelmente ligado à sua terra, onde retira a sua principal seiva criadora (mas o seu romance «Onda Selvagem» se passa numa estação de águas de Minas, o que prova o seu virtuosismo e talvez justifique o pouco amor que tem a êsse livro). Anda sempre acompanhado, o que freqüentemente o faz vítima de conhecidos chatos ambulantes. Bebe moderadamente, fuma cigarro americano, é pontual (apesar de João Condé o responsabilizar sempre pelos pequenos atrasos na edição do «Jornal de Letras») e nada boêmio no que diz respeito ao trabalho, seja o profissional, seja o literário. — A.L.



35 nações ouviram, no Congresso Mundial do Café, a palavra clara e sem artifícios de homens de responsabilidade. O sr. João Pacheco e Chaves, presidente do I.B.C., fêz uma exposição da nossa realidade cafeeira.

Não temos segredos:

NO 1.º CONGRESSO MUNDIAL DO CAFÉ

e nas visitas aos nossos cafèzais

TODOS VIRAM O QUE QUISERAM

CURITIBA, a «cidade fabulosa» no dizer de um jornal americano, foi teatro de um acontecimento pela primeira vez verificado em qualquer parte do mundo. Trinta e cinco nações, pelos seus duzentos e dez delegados, ali reuniram-se no 1º Congresso Mundial do Café. A planta nobre, que espalhou por tôda a face da terra as virtudes incomparáveis da sua prodigiosa semente, através de uma perigrinação incessante desde as glebas de origem até as mais remotas paragens, criando uma vasta cadeia de interêsses entre os povos, foi o poderoso motivo dessa reunião de países produtores e consumidores, sem dúvida um acontecimento de elevada significação, do qual teve a primazia o nosso País. O Estado do Paraná e o Instituto Brasileiro do Café, seus organizadores, fizeram obra de rara investidura, fornecendo ao mundo cafeeiro o ponto de partida para um mais amplo e perfeito entendimento. Particularmente para o Brasil, a presença aqui da família internacional do café, representada por agricultores, comerciantes, torradores, técnicos em cultivo, finanças e estatísticas, transportadores e membros de atividades diversas, foi sumamente importante, no instante mesmo em que se iniciava, além fronteiras, uma injusta campanha de desprestígio da preciosa bebida, capciosamente dirigida contra o mercado brasileiro, acusado de retenção de estoques e outros artifícios, visando à elevação dos preços do produto.

Foi assim que, com a chegada de quase cem delegados estrangeiros, representando trinta e cinco nações produtoras e consumidoras de café, o Brasil começou a dar resposta aos seus acusadores gratuitos. Nada tendo a temer, o nosso mundo cafeeiro abriu-lhes de par em par as suas portas. Viram os nossos métodos de trabalho, visitaram armazéns, entidades oficiais e particulares, portos de embarque, verificaram as nossas disponibilidades e tiveram diante dos olhos o quadro desolador dos cafèzais dizimados pelo fenômeno climatérico que se lhes abateu em meados do ano findo, causa única e verdadeira da escassez do produto, cujo mercado se viu desfalcado, num relance, de mais de dois milhões de sacas na safra prevista. Os delegados estrangeiros puderam verificar, sem nenhum constran-

FALANDO E AGINDO COM FRANQUEZA ★ OPORTUNIDADE QUE O BRASIL NÃO PERDEU ★ POLÍTICA DE PORTAS ABERTAS ★ DO CONGRESSO MUNDIAL ATÉ HOJE: TODOS NOS FIZERAM JUSTIÇA ★ QUE VENHAM OUTROS...

Reportagem de ADALBERTO MENDES

gimento, as duras contingências atuais do mercado interno, face aos seus reduzidos estoques e à demanda sempre crescente do consumo mundial, cada vez maior frente ao interêsse e à capacidade aquisitiva dos centros europeus. Mesmo aquelas minguadas disponibilidades em poder do Govêrno brasileiro, que nenhuma medida tomou para elevar os preços do café, foram negociadas em condições claramente desvantajosas, ainda em setembro, com relação às cotações agora vigorantes. Tudo isto foi dito pelos nossos homens responsáveis durante o transcurso do memorável conclave, falando em têrmos de absoluta franqueza aos ilustres visitantes, e tudo lhes foi mostrado, sem reservas ou prevenções. Além das suas altas qualidades, sob as quais foi convocado, o 1º Congresso Mundial do Café ofereceu aos brasileiros o ensejo de esclarecer aos povos consumidores do seu principal produto sôbre a sua política cafeeira, jogando por terra com as acusações apressadas que lhe têm sido assacadas.

Mas não satisfeitos ainda, o nosso Instituto Brasileiro do Café dirigiu convites a altas personalidades da administração, da política, das finanças e do jornalismo norte-americanos para uma visita ao nosso País, e alguns dêstes últimos já aqui estiveram, fazendo as mais acuradas observações. Edgard Hartrick e Joseph Michaels, da National Broadcasting Corporation, Sam Brewer, do New York Times, Robert Sullivan, secretário do Daily News, prestigiosas organizações da imprensa falada e escrita dos EE. UU., tiveram ao seu alcance tudo o que quiseram, e daqui se foram, como os demais, convencidos da nossa sinceridade e dos reais motivos determinantes da atual elevação de preços. Percorreram os cafèzais destruídos pela geada implacável, tragédia imensa que desabou sôbre as culturas de café de S. Paulo e Paraná, em algumas regiões reduzindo-as quase a nada, em outras matando de 50 a 80% de árvores — inclusive documentando no filme, já em exibição naquele país amigo, o quadro desolador das plantações dizimadas. Discutiram o momentoso assunto com autoridades, peritos, cafeicultores e comerciantes, compulsaram dados e estatísticas, tiveram à mão os indispensáveis elementos para uma conclusão imparcial e lógica. Mais recentemente, a presença em



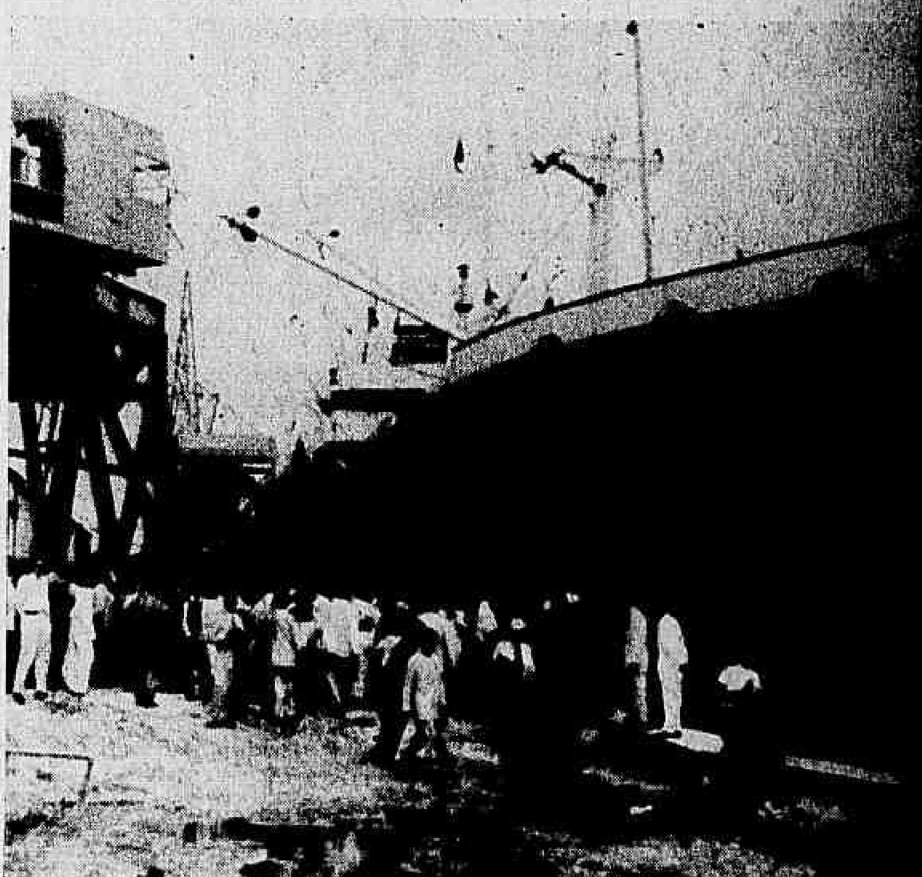
Os srs. Lucas Garcez (em cima) e Munhoz da Rocha falando no Congresso Mundial do



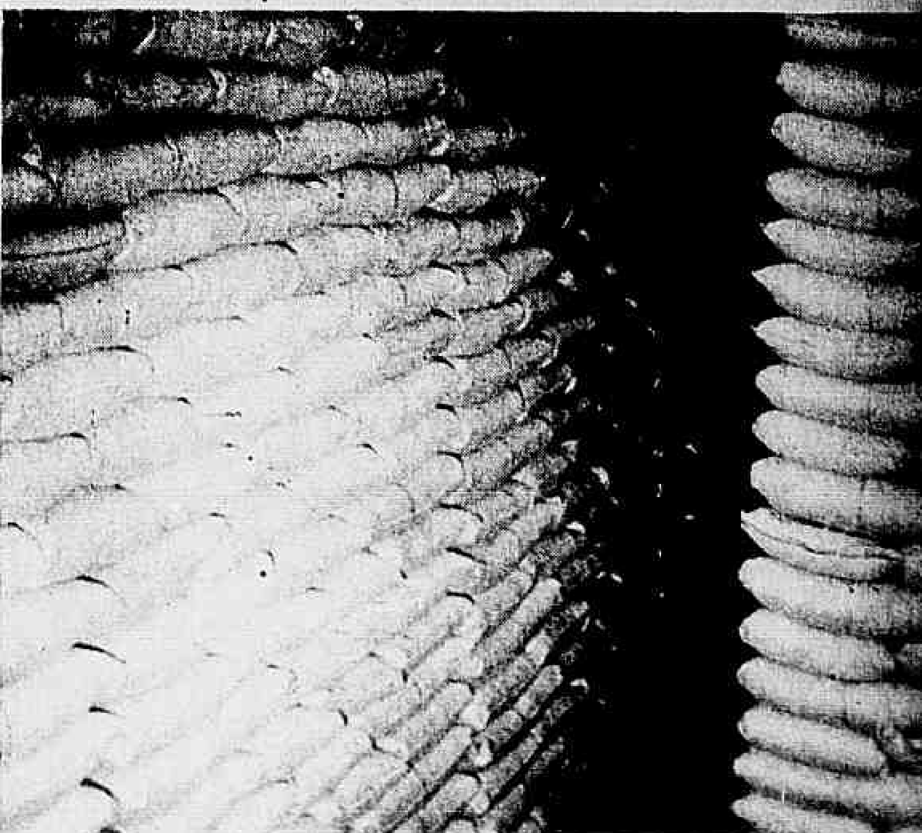
Café. Nossos homens de govêrno se expressaram com a maior franqueza e lealdade.

Embaixo — Os jornalistas norte-americanos Sam Brewer, do «New York Times», e Robert Sullivan, secretário do «Daily News», viram pessoalmente a devastação que a geada produziu nos cafèzais.





Os participantes do Congresso do Café percorreram armazéns e portos de embarque. Sem qualquer embaraço ou constrangimento.



Não temos segredos:



Edgard Hartick, cinematografista, e Joseph Michaels, comentarista, ambos da N.B.C. de New York, acompanhados de técnicos e jornalistas brasileiros, visitam os cafèzais de Presidente Prudente.



A N.B.C. de New York documentou em filme os impressionantes efeitos da grande geada.

Nosso meio das donas de casa americanas, indicadas pela Federação dos Clubes Femininos da grande nação, foram os honestos esforços pelos brasileiros empregados no sentido de uma exata compreensão dos nossos propósitos por parte daqueles que nos compram café. Homens e mulheres que aqui estiveram, comprovaram a transparência de uma conduta isenta de subterfúgios ou omissões, e assim o proclamaram espontâneamente. Dos dias rumorosos do 1º Congresso Mundial do Café até hoje, demonstramos com franqueza máxima que não temos segredos e não usamos as armas da mistificação. Trabalhando com ardor sempre maior na expansão da sua lavoura cafeeira, plantando cada vez mais, melhorando e racionalizando as suas culturas, adotando medidas de amparo e proteção ao café, o Brasil se empenha, isto sim, na produção em escala continuada e crescente, para que, em futuro não remoto, chegue a todos os povos, dentro de limites razoáveis de preços, os benefícios que a inigualável bebida proporciona à humanidade. Que venham outros. Aos incrédulos continuamos com as portas abertas . . .



Homens de 15 nacionalidades, presentes ao Congresso Mundial do Café, constataram os estragos do fenômeno climatérico ocorrido no ano passado.



Vários jornalistas estrangeiros, presentes ao Congresso, debateram com agricultores, técnicos e negociantes a real situação do café brasileiro.



O BRASIL fora da barra



ETERNO ELDORADO

● Hubert Giraud assina uma reportagem no «Noir et Blanc», novamente sôbre o caco Fawcett. O terror e o mistério estão presentes em cada linha. Entre outras coisas, relata o presente que o filho de Fawcett recebeu de um amigo chegado do Brasil. Era uma estatueta negra, de basalto, representando uma personagem que tinha sôbre o peito uma placa coberta de caracteres desconhecidos. Fawcett teve, imediatamente, a certeza de que provinha de uma cidade perdida. A legenda da fotografia explica que esta é a maneira pela qual os índios se desembaraçam de seus inimigos. Com o crânio reduzido e a bôca cozida êle não falará mais!





ENCONTRO NA SELVA

● Uma revista italiana apresenta também uma reportagem sôbre Fawcett. Mas desta vez é o próprio explorador quem relata suas aventuras. Aqui está êle, já no caminho de volta, após o dramático encontro que teve com os canibais Maricoxi (segundo a legenda da reportagem). Fawcett está sentado na pôpa da canoa. Êle conta que nesta zona, onde as condições de vida são mais do que precárias, viajava um alemão com a mulher, que era muito jovem e belíssima.

DOIS SÁBIOS

● A revista italiana «TEMPO», sob o título «Em Paris a Atômica Fêz Primavera», apresenta uma reportagem de seu correspondente de Paris, Bonaventura Caloro, que entrevistou o prof. Frederico de Marco, um cientista brasileiro que recentemente chegou da Itália, onde, com o professor Piccard, fêz pesquisas sôbre os raios cósmicos, conseguindo resultados de alto interêsse. Diz o repórter que fêz ao prof. De Marco perguntas sôbre os estranhos fenômenos atmosféricos que se vêm verificando, de alguns anos para cá, sendo um dêles, o calor que se sentiu em Paris, em pleno mês de dezembro, próximo ao Natal. As pessoas andam sem agasalhos e nas calçadas já voltaram a aparecer as mesinhas dos bares. Isto ainda aumenta a surprêsa dos observadores, se lembrarmos que há pouco tempo, também fora de estação, sentiu-se um frio, em Paris, que obrigou ao uso do aquecimento. Além dêstes distúrbios, podemos lembrar o grande ciclone de Tours, a inundação da Calábria, o mau tempo de Pianura Padana e outras calamidades que dão a impressão de que as leis atmosféricas estão sendo abaladas por fenômenos estranhos. Já se pensou que estas perturbações pudessem ser atribuídas às explosões atômicas. E o intuito da reportagem, ao inquirir sôbre o fato, teve como resposta uma confirmação.

● Mais adiante, encontramos que o prof. De Marco foi o primeiro que, em 1940, fêz experiências sôbre a chuva artificial. Na fotografia vemos De Marco e Piccard que trabalham juntos, agora, nos estudos sôbre a correlação entre a bomba atômica e os distúrbios atmosféricos. De Marco foi convidado por Piccard, para participar de sua próxima imersão no «batiscafe».



O QUADRO TITULAR DO S. PAULO, campeão bandeirante. Da esquerda para a direita, vemos em pé: Alfredo, De Sordi, Pé de Valsa, Poy, Mauro e Bauer. Agachados: Maurinho, Albella, Gino, Negri e Teixeirinha.



Com chave de ouro o clube paulista terminou o campeonato de 1953 ★ As cinco últimas partidas do campeoníssimo foram contra 4 dos 10 maiores quadros do Brasil ★ Santos, Corintians, Flamengo duas vêzes,

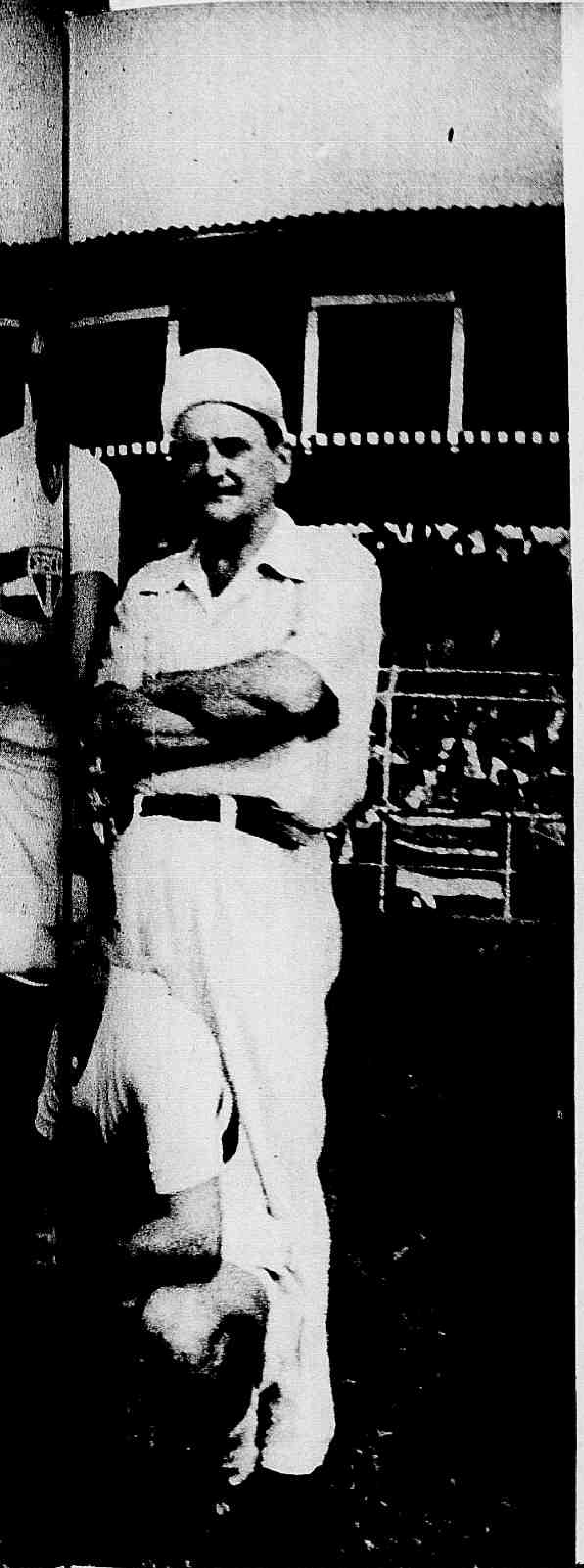
QUANDO o time do São Paulo entrou em campo para disputar a última partida do campeonato paulista sua torcida já homenageava o grande campeão, pôsto que mesmo em caso de derrota os comandados de Bauer já eram detentores do honroso título — campeão paulista de 1953.

No último jôgo do campeonato, o Palmeiras muito exigiu do campeão. Aqui vemos um lance perigoso para a meta de Poy.

SÃO

Um ...

CAMPEÃO



e Palmeiras ★ Maurinho, o «demônio» do futebol paulista foi a grande figura da última partida realizada ★ O quadro de aspirantes também sagrou-se campeão de 1953.

Reportagem de FLÁVIO PÔRTO

O Palmeiras contudo havia prometido à sua torcida uma grande vitória, o que, para os palmeirenses, infelizmente não aconteceu. O São Paulo entrou em campo com a disposição e a classe de quem indiscutivelmente é campeão, até mesmo com um «bailezinho» no final do jôgo; venceu com autoridade.



O Corintians lutou bravamente para vencer o campeão, mas foi batido por 3 tentos a 1. Na foto, os capitães Bauer e Cláudio.

O' Abre Ala!

● *Quase tudo é carnaval.*

Há carnaval no ar, nas melodias que andam sôltas por aí e nos lança-perfumes evaporados dos lenços, lança-perfume que já foi de jogar e hoje só é de cheirar. Há carnaval nas ruas, nos blocos que passam ensaiando aquilo que não precisa de ensaio porque todo carioca que se presa sabe sambar. Há carnaval nos salões; respeitáveis uns, lamentáveis outros. Um baile chamou-se "Mamãe êles são de família". Mas não eram. Tanto não eram que um semanário publicou algumas fotos do baile e o número esgotou como esgotam essas revistinhas de mulher nua que a polícia finge proibir. E as festas pre-carnavalescas vão se sucedendo: o Baile da Espora, muito digno, lá na longínqua e grãfina Sociedade Hípica Brasileira, o Baile das Atrizes, com muito mais homem que mulher, se classificarmos entre os primeiros os que se insinuam nos "travesti". O Baile dos Artistas é uma briga só: o camarada chega, entrega o convite na entrada e sai dando pescoções. Deviam colocar um aviso na porta: "A briga só é permitida depois da entrega do convite".

● *A maioria dos foliões, porém, fica de plantão, esperando o sábado para entrar no brinquedo. Então baile não faltará. Clubes, hotéis, sociedades e até os melhores cassinos reabrem suas portas. A Quitandinha virou um circo, o Municipal transforma-se em Veneza, a cidade, segundo o pintor Santa Rosa, que a decora pela primeira vez, será um tabuleiro de baiana, em alguns lugares; escolas de samba em outros. Uma coisa é certa: pelo menos na decoração dos bailes e das ruas o mau gôsto êste ano estará ausente. Resta saber se as fantazias também serão bonitas. Se forem muito bem, os membros da comissão julgadora do Municipal que escolham a mais bela. E que não se repita aquilo do ano passado, com a multidão a gritar: Morcego! Morcego! Morcego!*

QUANDO ESTA edição estiver circulando, Dulcina já terá deixado o elenco de «Os Inocentes». O motivo que levou a atriz a deixar o papel onde vinha fazendo tanto sucesso, foi o seu compromisso para estrear em São Paulo. «Os Inocentes» continuam, no entanto, no Teatro Dulcina, ainda com Conchita de Morais, Birunga e Teresa Rúbia. Maria Sampaio substitui Dulcina.

★

O TEATRO MECANIZADO, de Quitandinha, continua a apresentar sua programação. A temporada foi iniciada por Silveira Sampaio. Na semana seguinte lá estiveram os artistas do elenco de Eva Tudor. Na última semana foi a vez de Morineau, com os artistas Unidos. Cada Companhia fica três dias na Quitandinha (sexta, sábado e domingo), agora porém, como estamos em plena semana do carnaval, o teatro estará fechado.

★

A CIA. DE LUÍS IGLÉSIAS (Eva Tudor) reaparecerá no Rio em março próximo, com um original norte-americano traduzido por Raimundo Magalhães Júnior. Na dita tradução a peça chamar-se-á «A Rainha do Ferro Velho».

★

NO TEATRO SERRADOR, aproveitando a onda, estreou uma Companhia de Revistas com uma peça chamada «As águas vão rolar».
No elenco Zé e Zilda, a dupla que está com tudo para êste carnaval.

★

ESTREOU SEMANA PASSADA em São Paulo a peça «Leito Nupcial», a mesma que — adaptada para o cinema — foi exibida recentemente no Rio, tendo a frente do elenco o casal Rex Harisson e Lili Palmer.
«Leito Nupcial», que está no cartaz do Teatro Brasileiro de Comédia tem Cacilda Becker e Jardel Filho liderando o elenco.



Fada Santoro e Cyl Farney

CINEMA

NO RIO NÃO há nada. Ou, pelo menos, nada digno de registro a não ser, talvez, essa coisa inqualificável chamada «Carnaval em Caxias», que, contudo, agüentou-se uma segunda semana no cartaz de mais de uma dezena de cinemas. O cinema brasileiro é isso: «Carnaval em Caxias».

Mas há um Festival, que não é aqui e sim em São Paulo. A Comissão que o organizou passou semanas e mais semanas explicando à imprensa quem vinha. Pois era Greta Garbo, Joan Crawford, Marilyn Monroe, Gina Lollobrigida, as duas Silvanas, a Lili Caron, o Gregory Peck, um mundão de gente. E cadê? Não vieram.
Em compensação temos o Eric Von Stroheim, a Jeanette Mac Donald.
E' o Festival da Saudade.

★

«NEM SANSÃO NEM DALILA», o abacaxi Atlântida com todos os requintes que tornaram famosas as produções da emprêsa, isto é, Carlos Manga dirigindo, Oscarito fantasiado, Fada Santoro namorando Cyl Farney, etc., está por um fio.
Já foi exibido em S. Paulo, para gaudio dos que não sabem ler e ficam contentíssimos com a fita nacional, pois entendem tudinho.
Depois, quando todos já suavam frio, na expectativa de que o filme seria exibido no Rio, êle passou voando sôbre a cidade e foi cair em Petrópolis. Uf!

BOITES

ÚLTIMOS DIAS do «show» de Silveira Sampaio «Quem roubou meu samba?».
O Beguin, passado o carnaval, voltará a apresentar cantores, cômicos e orquestras internacionais.
Atualmente, no entanto, lá estão Sampaio, Magalhães Graça, Jorge Veiga, Bola Sete, Dolores Duran e todo o elenco de «Quem roubou meu samba?»

★

AS «BOITES» ARTISTICAMENTE dirigidas pelo sr. Carlos Machado — Monte Carlo e Casablanca — ainda não anunciaram seus próximos cartazes.
Falou-se num «show» chamado «Paris, 1900» (Paris é a mania do sr. Machado), escrito pelo crítico Brício de Abreu, coisa que, parece, não vai mais acontecer. Ainda bem.

★

LILI MARLENE, que foi eleita Rainha das Atrizes, é uma das coristas do Casablanca, onde está atuando no espetáculo «Esta vida é um carnaval».
Lili começou no Monte Carlo e tem figurado em quase todos os «shows» assinados por Carlos Machado.

★

A PRIMEIRA CANTORA francesa a se apresentar no Rio, êste ano, será René Lebas, que vem de ser contratada pela «boite» Vogue.
René estreará na primeira quinzena de abril.

★

«FESTIVAL QUATROCENTÃO» é o nome da «revuette» que substituirá o carnavalesco «Quem inventou a mulata», atual cartaz do «Nigh & Day».
A «boite» do hotel Serrador juntar-se-á assim aos que vêm homenageando o Quarto Centenário de São Paulo.

COISAS E GRAÇAS DE SÃO PAULO

Carlos Maria de Araújo

QUE É QUE HA? — A resposta a esta interrogação, vieram buscá-las as «housewives» norte-americanas porque também lá o preço do café deu um salto daqueles, sem trampolim e sem rêde. A elas, os de cá as passearam pelos cafèzais queimados pela geada e outros bichos. A nós, que da noite para o dia passamos a pagar 1 «marquês de Tamandaré» pela xícara do cafèzinho, ninguém deu confiança nem convidou para um passeio.

DENTES — E porque o filho do senhor Ademar de Barros teve uma dor de dentes em Miami e a filha do dentista lhe serviu de intérprete, o político e o odontólogo caíram nos braços um do outro depois de terem consertado as justas núpcias do paciente e da tradutora de seus ais. Assim nos contou «o do trevo».



Ninon e um fã.

VIDA NOVA — A agitadíssima Ninon Sevilla (ainda não houvera a tal história do sumiço dos «ocho millones de joyas regaladas por mi abuelita. . .) aconselhou o senhor Lucas Nogueira Garcez a fazer carreira como galã de cinema, quando deixar de ser governador de todos nós. Porque «es muy hermoso». O governador, corou.

MULTAS — A C.O.A.P., que não é para graças nem quer saber de fitas, está processando a comissão organizadora do Festival do Cinema porque, sem mais nem menos, aumentou o preço dos ingressos nos cinemas Arlequim e Marrocos onde a gente pode ir ver os filmes do Festival.

MILAGREIRO — O norte-americano Raymond Boatright está fazendo misérias dentro de uma tenda com capacidade para três mil pessoas. É só colocar as mãos sôbre a cabeça de um doente e pronto . . . cadê a doença? E também afugenta os maus espíritos do corpo dos possessos com uma rapidez de estarrecer. É o maior!



Cacilda Becker.

O TEATRO — Vemos um «Leito Nupcial» com Cacilda Becker e Jardel Filho, no TBC. Veremos em breve, uma revista com Bibi, já que deixamos de ver a do Colé.

BATUCADAS — No Clubinho, para os franceses Henri Berard (Juliette) e François Cohen (Fanfan La Tulipe). Ambos caíram no samba e na batida de limão, e viram Luís Coelho frevar. Em casa de Clóvis Graciano houve batucada para Michel Simon. Depois, Dorival Caymmi e Araci de Almeida fizeram samba. Caribé fêz passos de candomblé. De madrugada baixara o santo uísque em todos os presentes.

A GRANDE SURPRÊSA — Transcrição integral, na seção livre de «Última Hora», do manifesto do Partido Comunista, já publicado no «Notícias de Hoje».

Champanhota

PETER

● Enquanto a sociedade carioca se desloca para São Paulo, o «café society» paulista não dá muita importância ao Festival e se muda para Guarujá, se bem que alguns nomes de destaque já estejam voltando. A única delegação que tem realmente feito sucesso popular, a ponto de exigir guarda permanente ao hotel onde se hospeda e polícias civis em todos os andares é a americana. As demais chamam menos a atenção (por serem constituídas de desconhecidos) que o turbante do embaixador da Índia.

A chegada da delegação americana foi um verdadeiro sucesso, assistido por uma legião de fotógrafos, cinegrafistas, populares e pessoas das sociedades carioca e paulista. No bar do Jaraguá, houve apenas um momento de inquietação, em que o Festival foi totalmente esquecido. O ambiente já estava carregado, com o diretor de um dos nossos vespertinos fazendo ligações constantes para o Rio para saber da situação política, de céus pretos. Nisto, lá pelas 10 da noite, um sr. Hermes pega no telefone e começa a conversar. Certo ponto da «falação», ouviu-se perfeitamente êle dizer: «Mas, afinal, Ademar, êle deixou ou não o govêrno?» Foi um corre-corre e tôdas as conversas baixaram de tom. No final da telefonema que, nesta altura, todos ouviam, o sr. Hermes marcou um encontro no dia seguinte com o sr. Ademar. Seria o de Barros? Bem, o resultado é que providenciaram um telefonema urgente para o Rio e todos ficaram sossegados com a notícia de que não tinha havido nenhum golpe, salvo êstes que ocorrem diàriamente. E tudo voltou a ser espectativa em tôrno da chegada dos artistas norte-americanos.

● Depois de dois meses sem ver o Rio, voltou aqui para comemorar o seu aniversário a bonita (uma das dez mais elegantes) sra. Lourdes Faria. No dia seguinte, Beti voltou a perseguir os peixes.

● No supra-citado hotel (não repetir para não parecer propaganda) estão hospedados o sr. e sra. Jorge (Festival) Guinle, sr. e sra. Ari de Castro, sr. e sra. Wlademir Alves de Sousa, sr. e sra. Valdemar Boiunga, embaixador Francisco Gualberto de Oliveira e senhora, srtas. Vera Nascimento e Silva, Anna Rosa e Lourdes Lemos Lessa, Maud Goy, Marta Bastos, Lourdes Borda, Edwin Gualberto de Oliveira, Lourdes Borda e srs. Gerard de La Villesbrune, Vitorio Romaneli, Roberto Assunção, Ciccio Carimati, Justino Martins e Manoel Bernardes Muller.

● A casa de modas de maior sucesso na capital bandeirante é «Scarlet», propriedade da simpática, dinâmica e curiosa (dava para jornalista) sra. Maria Augusta Dias Teixeira. Nesta casa, Anna Rosa Lemos Lessa ficou querendo muito uma saia enfeitada de buritis. Palmeiras da terra distante da simpática, dinâmica e curiosa.



A mais bela (Dolores Guinle) e o mais simpático (Mervyn Le Roy) do Festival.

● Os rapazes da sociedade, principalmente os srs. Fernando Ferreira, Clóvis Costa e Daniel Tolipan, voltaram a organizar, pela terceira vez, a já famosa e disputada Festa da Aeronáutica. Foi até as cinco e acabou no «Vogue», como de costume. De lá, muitos seguiram diretos para São Paulo. Uma beleza e muita champanhota.

● Quando a sra. Dolores Guinle entrou no «hall» do Hotel Jaraguá, o grande público que se comprimia na entrada provocou uma verdadeira onda. Todos queriam saber quem era a belíssima artista.

● Foi grande a corrida para assistir ao belíssimo documentário inglês que registrou a conquista do Everest. Entre os presentes, a embaixatriz Pedro Lago, acompanhada de seu filho Pedrinho e os sr. e sra. Valdemar Boiunga, torceram bastante para que os dois alpinistas tivessem sucesso. Beleza de côr e tenacidade.

● Vai tomando corpo a notícia de que o sr. Jacinto de Tormes, cronista do «Diário Carioca», estaria de namôro seríssimo com uma das artistas vindas para o Festival. Outro artista, componente da mesma delegação e que não tem cara de bonzinho, está interessado na mesma mocinha. Cuidado, Maneco, cuidado . . .

● Constituiu estrondoso sucesso o «cock-tail» oferecido pela revista São Paulo Magazine e Chanel aos componentes do I Festival Internacional de Cinema, que se realizou em São Paulo. O «cock-tail» foi em Guarujá e compareceram mais de 500 pessoas.

Fotos Rio Magazine



Sras. Nana Winans, Lia Saboya e Maria Luísa Guillayn, no Vale do Nilo (nos camelos que querem trazer para o Rio, — andam sem água).

ÚLTIMO FLASH



DEQUINHA CONQUISTA AS CHILENAS

● O centro-médio que Mossoró mandou para o Flamengo e que o rubro-negro projetou no futebol carioca e nacional, transformando-o na revelação da temporada de 53, a ponto de ser convocado para a seleção nacional, na Copa do Mundo, é o tipo do galã de campo de futebol. Não será esta a primeira nem a última vez que o representante futebolístico do Rio Grande do Norte há de aparecer nos jornais e revistas ao lado de belas pequenas. Estas "chicas" chilenas fizeram questão de ser fotografadas ao lado de José Mendonça dos Santos, durante um intervalo dos treinos da seleção, no campo do Audax Italiano, em Santiago do Chile. Informação confidencial: Dequinha é solteiro, tem 24 anos, e possui bons rendimentos.

MOÇA AO TELEFONE: "SIM... SIM... SIM... SIM... ... ..." TLIC!



O DIRETOR — Remova esta poça dágua e traga os atores!

O ASSISTENTE — Esta poça são os atores. É que ligaram o refletor de 150.000 watts.

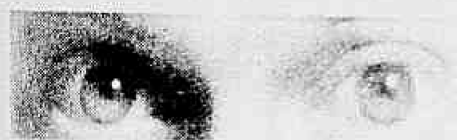
Não compreendo... ... porque tôda vez que chamamos alguém na rua, todo mundo vira, menos quem chamamos.



Ilustrado por

PIQUÍ

PONTOS DE VISTA



DESASTRE é o encontro pontual de dois veículos

PROMISSÓRIA é o intervalo entre uma assinatura e um milhão de desculpas.

Uma imbecil para outra mais: Acho que só devia existir divórcio para as mulheres. Assim a gente podia se casar de novo sem perder a reputação.

A MORTE MAIS LENTA É UM TIRO NO OUVIDO.

LEVA-SE ANOS PARA SE DECIDIR PUXAR O GATILHO

TIC-TAC

(PIADAS A MINUTA)

Naquele restaurante não havia perigo do sujeito cair duro. O perigo era o sujeito nem poder levantar.

★

Sua espôsa estava tão mudada que quando êle a beijava tinha a impressão que a estava traindo.

★

Foi tirar um curso de imbecibilidade e levou pau. Era inteligente.

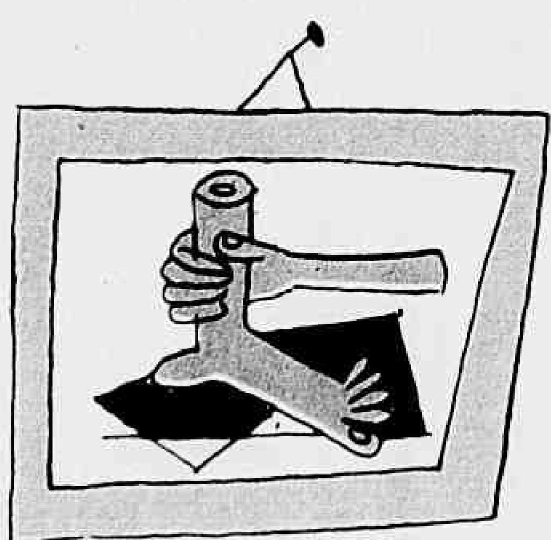
★

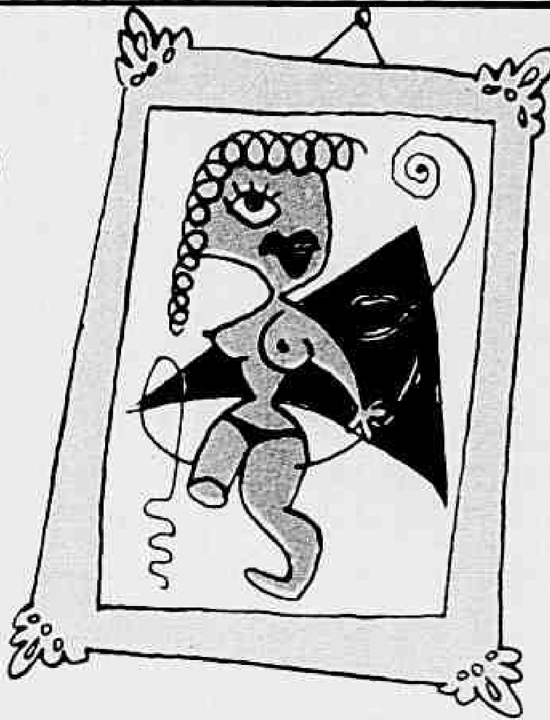
Quando pegava o volante ninguém passava por êle. Parava sempre no primeiro poste.

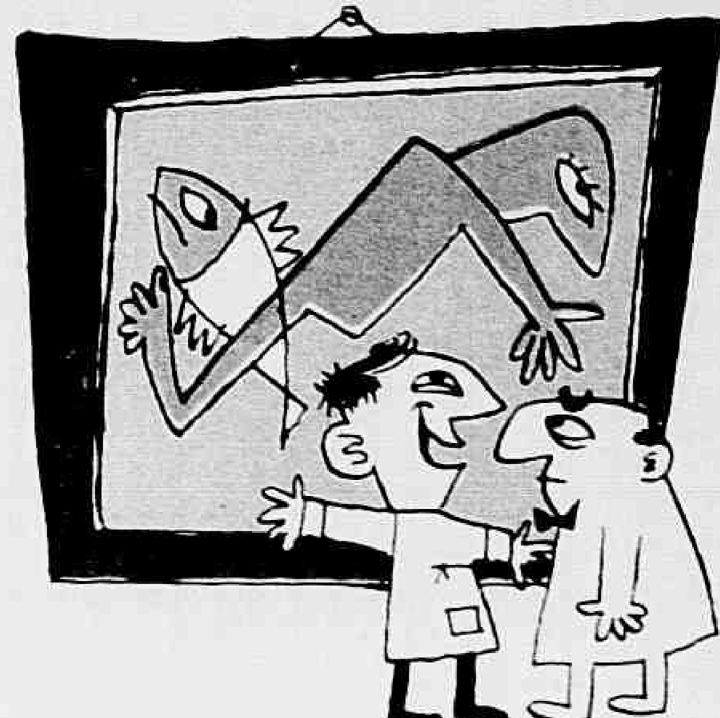
PRECISA-SE de uma empregada com 1,70 (altura da patrôa), para morar numa residência de luxo, com direito a televisão, eletrola, geladeira, telefone., aspirador de pó, lavador de roupa automático, cinema 3 vêzes por semana, cabeleireiro, manicure, praia as quintas-feiras, ninguendes em Quitandinha. Não se exigem referências. Só se pede que coopere um pouquinho na arrumação da casa.











— Você gostou da Bienal?

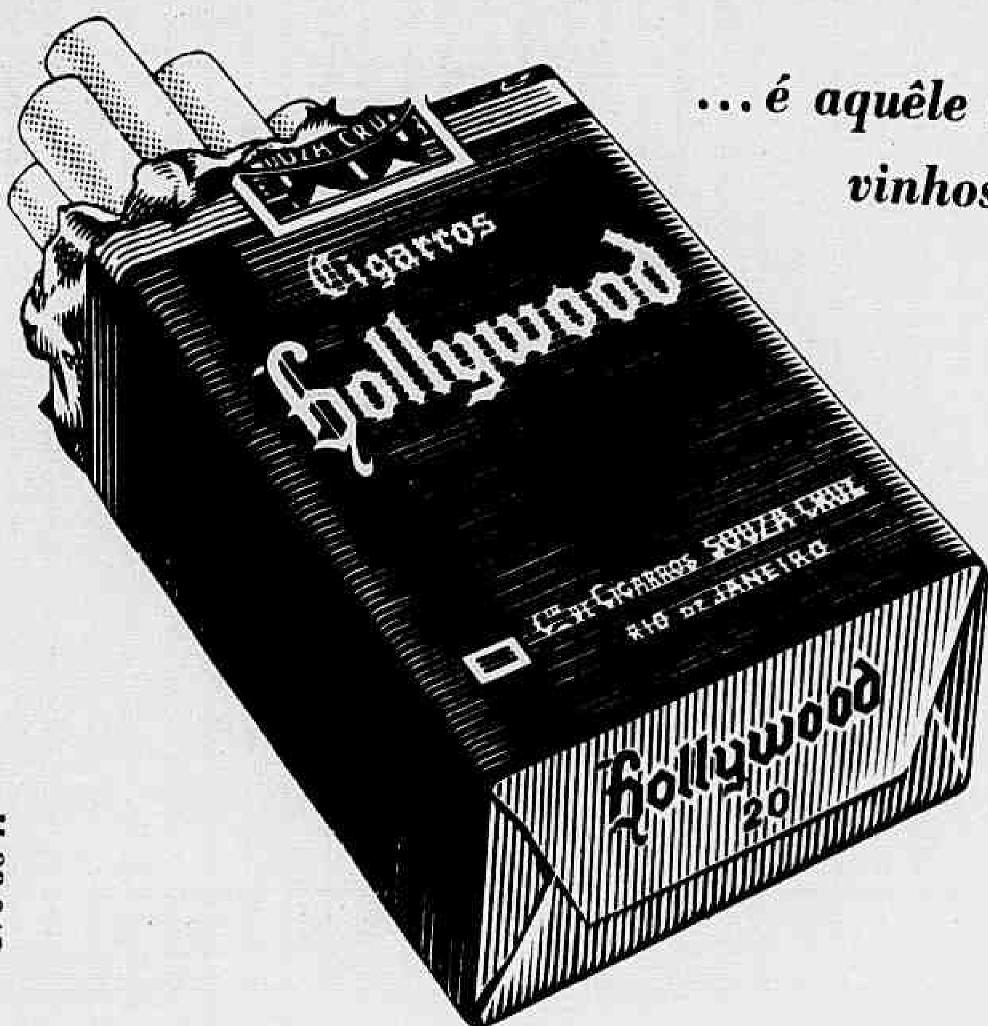
— Imensamente. Adoro pinturas de meia confecção!



Um "connoisseur"...

...é aquêle que distingue entre os melhores vinhos — o mais fino, o de melhor paladar, o que mais caracteriza o bom gôsto da escolha.

E é também esta particularidade que leva os fumantes a preferir



hollywood

uma tradição de bom gôsto

UM PRODUTO SOUZA CRUZ

11-88.245